

INÊS DIAS OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA NO NAMORO: LEGITIMAÇÃO DA
VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AMOROSAS ENTRE
ADOLESCENTES**

Orientadora: Professora Doutora Paula Ferreira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2021

Inês Dias Oliveira

Violência No Namoro: Legitimação Da Violência Nas Relações Amorosas Entre Adolescentes

INÊS DIAS OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA NO NAMORO: LEGITIMAÇÃO DA
VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AMOROSAS ENTRE
ADOLESCENTES**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do grau de Mestre em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social no curso de Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 17/05/2021, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 110/2021 de 30 de Março, com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Fátima Gameiro
Arguente: Professor Doutor Miguel Rodrigues
Orientadora: Professora Doutora Paula Ferreira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2021

Inês Dias Oliveira

Violência No Namoro: Legitimação Da Violência Nas Relações Amorosas Entre Adolescentes

À minha família

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer à minha Tia São que sempre me apoiou em todos os momentos bons e menos bons, à minha restante família que sempre esteve do meu lado e ao meu namorado, José Casimiro, por nunca me ter deixado desistir e me ajudar a remar sempre na direção correta, mesmo quando a tempestade parecia não passar.

Agradecer em segundo lugar à Professora Paula Ferreira, minha orientadora, por todo o apoio e horas dispensadas nesta caminhada que parecia não ter fim e que ao mesmo tempo pareceu um sopro.

Seguidamente agradecer de igual forma à Professora Fátima Gameiro por todo o apoio e a toda a equipa de docentes e colegas que tive a oportunidade de ter no meu caminho nesta jornada.

Agradecer à Escola Secundária Jácome Ratton e a todos os professores e alunos intervenientes nesta investigação, pois eles foram, sem dúvida, o ponto mais importante nesta dissertação, pois sem eles e a sua colaboração nunca teria sido possível concretizar e responder aos objetivos propostos.

No fundo, agradecer mais uma vez àqueles que me acompanharam sempre ao longo desta jornada, composta por altos e baixos, que me mostraram que quando queremos conseguimos, só basta lutar e fazer acontecer.

Resumo

A Violência no Namoro entre os jovens tem sido alvo de estudos pelas comunidades científicas desde há alguns anos devido ao seu aumento substancial.

A ideia de que este é um fenómeno raro tem vindo a ser deixada de lado devido a diversos estudos realizados sobre a temática e à constante procura e investigação sobre as causas e consequências desta. Assume-se então com os resultados destas investigações que a violência entre jovens casais é uma realidade presente e que muitas vezes é desvalorizada e naturalizada por estes.

A presente Dissertação foca a sua investigação numa amostra composta por 146 alunos com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, do ensino secundário, da Escola Jácome Ratton de Tomar, utilizando a metodologia quantitativa através da aplicação do inquérito por questionário, com o objetivo de perceber se a violência é algo presente nas relações amorosas destes e de que forma esta é legitimada e naturalizada por estes. Este inquérito por questionário foi baseado no Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescente (CADRI-P) e na Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). A estes foi acrescentado ainda uma questão aberta e incorporada no questionário final.

De um modo geral os dados resultantes do processo de investigação remetem-nos para a presença, apesar de em baixa escala, de algumas formas de violência presentes nas relações de namoro e para a relação entre estas e a violência familiar registada em casa destes jovens.

Estes dados dão também conta da necessidade de prevenção da violência no namoro e da necessidade de intervenção por parte de profissionais especializados com os jovens em idades escolares.

Palavras – Chave: Violência; Namoro; Família; Prevenção; Adolescência

Abstract

Violence in dating among young people has been the subject of studies by scientific communities since a few years due to its substantial increase.

The idea that this is a rare phenomenon has been left aside due to several studies on the subject and the constant search and research on the causes and consequences of it. It is then assumed with the results of these investigations that violence between young couples is a present reality and that it is often devalued and naturalized by them.

This Dissertation focuses its research on a sample composed of 146 students aged between 14 and 20 years, from secondary degree, of the Jácome Ratton de Tomar School, using the quantitative methodology through the application of the questionnaire survey, with the objective of understanding whether violence is something present in their love relationships and how it is legitimized and naturalized by them. This questionnaire survey was based on the Inventory of Conflicts in Adolescent Dating Relationships (CADRI) and the Attitudes about Violence in Dating Scale (AVDS).

In general, the data resulting from the investigation process refer us to the presence, although on a low scale, of some forms of violence present in dating relationships and to the relationship between them and family violence recorded in the home of these young people.

These data also show the need to prevent violence in dating and the need for intervention by specialized professionals with young people at school ages.

Keywords: Violence; Dating; Family; Prevention; Adolescence

Inês Dias Oliveira

Violência No Namoro: Legitimação Da Violência Nas Relações Amorosas Entre Adolescentes

Siglas Utilizadas

APAV – Associação de Apoio à Vítima

APi – Associação Plano i

DGS – Direção Geral da Saúde

INSERM – Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale

OMS – Organização Mundial da Saúde

UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta

Índice geral

Índice de Tabelas	3
Introdução	4
Capítulo I – A adolescência e as relações amorosas	6
1.1. A construção social da Adolescência	6
1.2. Fases da Adolescência	10
1.3. Modelos Teóricos da Adolescência	12
1.4. O papel das relações familiares na construção do adolescente	14
1.5. As relações amorosas na Adolescência	19
Capítulo II – Violência no namoro	22
2.1. Definição de Violência no namoro e a sua tipificação	22
2.2. Fatores de risco para a perpetuação e vitimação na violência	28
2.3. Impactos da violência nos jovens enquanto vítimas e agressores	30
2.4. Papel do Serviço Social na Temática da Violência no Namoro	32
Capítulo III – Metodologia	37
3.1. Objeto de estudo e a sua justificação	37
3.2. Objetivos da Investigação e Pergunta de Partida	37
3.3. Hipóteses	38
3.4. Metodologia de investigação	39
3.5. Técnicas de Investigação	40
3.6. População em estudo / Participantes	42
Capítulo IV – Trabalho Empírico	44
4.1. Análise dos Resultados	44
4.1.1. Análise Parte I - Caracterização Sociodemográfica	44
4.1.2. Análise Parte I - Caracterização da Relação de Namoro	45
4.1.3. Análise Parte I - Caracterização da Relação Familiar	49
4.1.4. Análise Parte II – baseado no CADRI	50
4.1.5. Análise Parte III – baseado no EAVN	54
4.1.6. Análise Questão Aberta	61
4.2. Discussão dos Resultados	65
Conclusão	69
Bibliografia	72
Apêndices	i
Apêndice 1 - Questionário	i
Apêndice 2 – Consentimento Informado	vi
	1

Apêndice 3 – Tabela cruzada entre o sexo e a idade de início de relação.....	vii
Apêndice 4 – Tabela de correlações entre as questões sobre a prática de violência	viii
Apêndice 5 - Correlações entre o sexo e a idade e as atitudes face à violência (112 alunos) ..	xii
Apêndice 6 - Correlação entre praticas de violência e o ambiente familiar (112 alunos)	xiii
Apêndice 7 - Correlação entre o ambiente familiar e as atitudes face à violência (146 alunos)	xiv
Apêndice 8 – Diferença de médias entre sexos face às atitudes.....	xv
Apêndice 9 – Matriz de análise da Resposta Aberta	xvi

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Características sociodemográficas da amostra (n=146)	44
Tabela 2 – Profissão dos pais	45
Tabela 3 – Estado do relacionamento.....	46
Tabela 4 – Idade com que começou a namorar	46
Tabela 5 – Tempo de relacionamento.....	47
Tabela 6 – Segurança na relação	47
Tabela 7 – Ciúmes na relação.....	48
Tabela 8 – Discussões na relação	48
Tabela 9 – Relacionamento sociais e relação	48
Tabela 10 – Relacionamentos familiares e relação	49
Tabela 11 – Relação Familiar.....	49
Tabela 12 – Práticas de violência na relação (Violência física e sexual)	51
Tabela 13 – Práticas de violência na relação (Violência Psicológica e Verbal).....	52
Tabela 14 – Práticas de violência na relação (Violência Social).....	53
Tabela 15 – Atitude face à violência (Violência física)	54
Tabela 16 – Atitudes face à violência (Violência Psicológica e Social) –	55
Tabela 17 – Atitudes e comportamentos na relação (Violência sexual) – Parte III	57

Introdução

A Violência no Namoro entre os jovens tem sido alvo de estudos pelas comunidades científicas desde alguns anos devido ao seu aumento substancial (Strauss, 2004).

A ideia de que este é um fenómeno raro tem vindo a ser deixada de lado devido a diversos estudos realizados sobre a temática, que assumem que a violência entre jovens casais é uma realidade presente e que muitas vezes é desvalorizada e naturalizada por estes (Duarte & Lima, 2006).

Segundo um estudo sobre a Violência no namoro realizado pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), em 2020, que compara os dados recolhidos nesse ano com os de 2019, tem-se assistido a um aumento da vitimização, o que significa que existiu um aumento da violência entre casais adolescente e, dessa forma, que a legitimação e naturalização da violência persiste entre estes.

Portanto, esta investigação centra-se na temática da Violência no Namoro entre jovens adolescentes, focando-se nos tipos de comportamentos violentos manifestados que vão sendo desvalorizados e até mesmo naturalizados por estes, bem como a legitimação da violência em relações amorosas em idades tão precoces.

O interesse por esta temática permanece desde o início do mestrado, não só por ser um tema que se encontra muito em voga nas sociedades atuais, mas por se tratar de um fenómeno crescente nas nossas sociedades e com impactos preocupantes não apenas nas relações pessoais e amorosas dos jovens, mas também no modo como estes se relacionam entre si e com os outros. Além disso, o facto de em Tomar não serem conhecidos estudos neste âmbito, ajudará a fazer um levantamento das atitudes desta amostra em específico e perceber quais as suas necessidades, utilizando-a como referência para contribuir para a melhora da qualidade de vida destes jovens e de toda a comunidade em geral.

A investigação foi desenvolvida numa escola secundária da cidade de Tomar, com alunos com idades compreendidas entre os 14 e 19 anos, a frequentar os 10ºs, 11ºs e 12ºs anos de escolaridade de modo a perceber se este é um fenómeno presente entre estes jovens e qual é a sua dimensão.

Em termos de estrutura esta dissertação é composta por 4 grandes capítulos, divididos entre si pela parte teórica e explicativa do tema escolhido para investigação (Capítulo I e II), pela parte metodológica (Capítulo III) e pelo trabalho empírico (Capítulo IV).

No Capítulo I encontra-se a definição de Adolescência e a explicação deste fenómeno, tendo em conta o papel da família e dos pares, bem como as relações amorosas entre os adolescentes e o modo como se processam, nos tempos atuais.

Segue-se o Capítulo II, onde se retrata o fenómeno, de um modo geral, da Violência e de um modo mais específico, da Violência no Namoro, de que forma esta se encontra presente no quotidiano dos nossos jovens nos tempos contemporâneos, quais os fatores de riscos para a perpetuação e vitimização da violência e o impacto que esta tem nos jovens. Ainda neste capítulo será tratado o papel que o Serviço Social tem nesta temática.

No Capítulo III é retratada o modo como se processará a investigação e quais as suas linhas de seguimento, passando pela explicação do instrumento de estudo, da caracterização da amostra e dos objetivos, gerais e específicos da mesma.

Finalmente, encontrar-se-á o último Capítulo, o Capítulo IV, onde são analisados e discutidos os resultados obtidos na investigação, confrontando-os, numa fase final, com a fundamentação teórica presente no capítulo II e com alguns dados retirados noutras investigações recentes da temática.

Capítulo I – A adolescência e as relações amorosas

1.1. A construção social da Adolescência

A adolescência tornou-se, para a nossa sociedade e os seus historiadores, um objetivo de curiosidade, de estudos que pôs em jogo diversos valores económicos e políticos.

A adolescência é, segundo a perspectiva de muitos autores, algo recente, não tendo sido reconhecida como um momento específico do desenvolvimento, que necessitasse de uma especial atenção. No entanto, esta é uma fase fulcral na criação e constituição da identidade, reorganizada em função de modificações fisiológicas, culturais e psicológicas. Antes do século XVIII era apenas associada à puberdade, onde ocorriam as mudanças físicas (crescimento dos pelos, amadurecimento sexual (ovulação e espermatogênese), alteração da voz, etc.) (Osório, 1992; Fernandes, 2013).

Osório (1992), refere que o tema sobre a adolescência ganhou um maior ênfase devido à explosão demográfica do pós-guerra, que trouxe um aumento substancial no número de população jovem a nível mundial e também devido à ampliação do intervalo da faixa etária com as características que são específicas da adolescência.

Entre os séculos XVIII e XIX, com a Segunda Guerra Mundial e todas as alterações que esta causou, nomeadamente a inserção das crianças em meio escolar, fez como que as crianças não passassem diretamente para a fase adulta, mas que se mantivessem numa fase intermédia, caracterizadas por imaturidade, crises e conflitos com a sua identidade. Dessa forma a adolescência passou a ser caracterizada como um grupo social autónomo com especificidades próprias, caracterizado por uma aura marginal que contestaria o mundo adulto.

Nos dias correntes esta é uma fase composta por incertezas, dúvidas, momentos de neura, de angústia e, também, por vezes de vergonha (Braconnier & Marcelli, 2000; Becker, 2017).

Por outro lado, Gallantini (1978) na sua obra faz referência à perspectiva de Anna Freud, que caracterizava a Adolescência como uma fase de grande desequilíbrio psíquico e comportamento instável devido aos conflitos internos causados pela maturação sexual.

Saavedra (2010, p.24) defende na sua obra que a adolescência,

[...] é um período pautado por uma progressiva aproximação ou identificação com os pares, sendo óbvio o poder que estes têm sobre as suas escolhas, sobre as opções relacionais que tomam e também na forma como se assumem como os seus principais recursos quando os adolescentes buscam apoio ou aconselhamento.

Fierro (1983), refere também que a adolescência se constitui como um período contínuo e dinâmico, em que existe uma ativa desconstrução do passado pessoal, em parte retomado e mantido, mas também abandonado e preterido e também um período de construção de projetos e do seu futuro, a partir da idealização das possibilidades ativas que este possui e que sabe que possui.

Retrocedendo no tempo, também Shorif & Sherif (1965) defendiam que a adolescência é caracterizada por ser um período de transição entre a puberdade e o estado adulto do desenvolvimento, variável de sociedade para sociedade e de cultura para cultura. Referem que esta requer um processo de reformulação de conceitos relacionados com o seu ser, que o levam a abandonar a imagem infantil e a projetar-se no futuro.

No entanto, Bock (2004) considera que a adolescência não pode ser considerada apenas como um período natural do desenvolvimento, mas sim como uma construção social. Acrescenta ainda que associado a essas mudanças físicas, encontram-se significações e interpretações criadas pelos jovens com o auxílio de todo o seu meio envolvente, fazendo deste um momento imprescindível para a construção das suas histórias pessoais. Esta é algo que não pode ser evitado nem pré-determinado com data de termo.

É consensual entre os diversos académicos que o período da adolescência é um período associado a um processo de construção social, visto como um período de instabilidade, estando muito presentes as crises de identidade, em que os conflitos não são apenas consigo próprios, mas também com o seu meio envolvente, difundida na cultura, nas práticas sociais e nas relações inter e intrapessoais. Dessa forma, os contextos sociais, culturais e socioeconómicos, familiares e de doença influenciam determinadamente o desenvolvimento do adolescente e a forma como este vivencia as transformações por que passam (Martins, 2005; Fonseca, 2008; Simões, 2010; Diogenes Oliveira & Carvalho, 2011; Carvalho, *et al.* 2013; Becker, 2017).

Consequentemente, e como referido anteriormente, esta desenvolve-se consoante a cultura, o meio social e principalmente o meio familiar em que o adolescente se encontra, adquirindo este os valores e crenças que lhe são passados por todos os intervenientes neste processo, como sejam os pais, irmãos, avós, professores e grupos de pares. O clima familiar e principalmente a qualidade do contacto entre o adolescente a sua família, será um fator, não determinante - uma vez que o adolescente é caracterizado não só pelas relações familiares, mas também pelo conjunto de relações do seu meio envolvente – mas será e terá um valor bastante considerável na formação da adolescência, ajudando, maioritariamente, na diferenciação entre

um adolescente com ou sem problemas (Bracconnier & Marcelli, 2000; Diogenes Oliveira & Carvalho, 2011; Becker, 2017).

Tal afirmação, referem Bracconnier & Marcelli (2000), pode ser confirmada através dos estudos realizados pela INSERM², através de inquéritos aplicados em 1988 e 1994, a adolescentes com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, e que concluíram que os adolescentes com bons relacionamentos familiares e bases sólidas apresentam menos conflitos relacionais e de conduta, cometendo assim menos excessos e ilicitudes.

A adolescência é muito crítica no que diz respeito às mudanças e conflitos de papéis existentes (Caridade & Machado, 2006). Além disso, esta apresenta características específicas em função do ambiente cultural, social e económico em que se encontram (Bracconnier & Marcelli, 2000).

Estudar a adolescência implica, nesta perspetiva, analisar não só o adolescente a nível individual, mas também na sua componente social envolvente, ou seja, analisar os fenómenos psicossociais da etapa da vida, bem como as suas representações sociais que orientam e organização todas as condutas e comunicações sociais (Jodelet, 2001; Diogenes Oliveira & Carvalho, 2001; Becker, 2017).

A identidade do adolescente é formada pelo enraizamento, as imagens familiares e culturais e também pelo reconhecimento de si através da sua própria imagem social e da que os outros refletem (Bracconnier & Marcelli, 2000; Becker, 2017).

A representação social da adolescência apresenta alguma ambiguidade, podendo inclinar-se mais para o ponto da rebeldia, de lutar pela sua liberdade, estabelecer relações afetivas e sexuais, ou inclinar-se mais para o lado da responsabilidade civil, da justiça social, solidariedade, etc. Esta ambiguidade coincide e reflete as transformações sociais no momento histórico em que se inserem (Salles, 1995; Paixão, 2011; Silva, 2011; Santos, Neto & Souza, 2011 in Quiorga, F & Vitalle, M., 2013).

Segundo Campo & Goto (2017), estas crises de emancipação do jovem estão muitas vezes associadas aos vínculos pessoais e sociais, nomeadamente à procura pela sua independência, conduzida, mais uma vez, pelos valores culturais e sociais que se vão estabelecendo. A procura pela sua identidade muitas vezes é corrompida pela dependência social e cultural que impossibilita o adolescente a delinear os seus próprios caminhos.

Caracteristicamente, e de um ponto de vista psicológico, a impulsividade, as mudanças corporais, a separação e descomprometimento da infância, a procura de uma nova identidade e de novas formas de inserção nos diversos grupos da sociedade, fazem parte de todo um role de

características pertencentes à adolescência. Também todas elas fazem a ponte e a assimilação entre as fases do desenvolvimento pessoal e do movimento de crise. Toda esta fase é definida como um período de tempestade e tormenta, onde todos os dias são colocadas, pelo adolescente, incertezas, angustias, dúvidas e conflitos consigo e com a forma como é visto pelos outros (Silva, 2011; Becker, 2017).

No entanto, como é de esperar, não se pode tratar a adolescência apenas como um fenómeno de criação de identidade, é importante, tendo sido também essa a sua origem, falar de que esta é composta por um período de totais mudanças físicas, bem como da percepção que este e os outros têm do seu corpo, consequência das suas experiências contínuas de evolução. Esta é a fase de luto da infância e o nascimento de uma fase de nova descoberta, a adolescência.

Para além de a adolescência ser vista como uma crise de identidade causada pelas incertezas presentes na mente individual de cada adolescente, é também compreendida como um processo de transição biopsicossocial da infância para a idade adulta, onde estão presentes todas as influências históricas, culturais e sociais em que se insere o indivíduo. Todas as modificações subjetivas dos adolescentes são consequência da reformulação dos fatores biopsicossociais internalizados, bem como dos aspetos culturais e sociais e dos papéis de cada género difundidos pela cultura em que se encontram. A adolescência não é uma cultura em específico, mas sim um processo estruturante da identidade corporal, social, sexual e afetiva de cada um, não se focando apenas nos pontos de crise e tempestade interior (Becker, 2017; Bracconier & Marcelli, 2000).

Sintetizando, a adolescência apresenta características muito próprias, são elas, segundo Aberastury & Knobel (1989), a busca de si e da sua identidade; uma enorme tendência grupal e de pertencer a um grupo; a necessidade de fantasiar e de se intelectualizar; as tendências para as crises religiosas, que o levam desde o ateísmo até ao misticismo pleno; a deslocalização temporal; a evolução sexual manifesta, que vai desde o autoerotismo até à descoberta das suas tendências sexuais, sendo elas, hétero, homo, bi ou transexuais; alterações nas suas atitudes sociais, podendo reivindicar tendências antissociais ou tendências sociais de grande escala e intensidade; necessidade de contradição sucessiva em todas as suas condutas; separação progressiva dos pais, tornando-se mais independente e autónomo; e, por fim, alterações de humor e estado de espírito constantes.

Ainda de um modo geral e de síntese, Fonseca (2012) refere que a entrada na adolescência é um período de crescimento, marcado pela existência impulsiva e conflitualidade intrapsíquica, pautada por mudanças fundamentais a 3 níveis:

- 1- a relação com o corpo relacionadas com as mudanças fisiológicas, passando a um corpo sexuado, que possibilita a procriação;
- 2- a relação com os pais e na sua necessidade de dependência e autonomia e oposição às ideias destes;
- 3- e, por fim, a relação com os seus pares e a importância que estes têm na expressão da sua identidade social e emocional e também a organização psíquica individual.

1.2. Fases da Adolescência

Vitiello & Loureiro Júnior (1986) defendem que é quase impossível delimitar os limites da adolescência e os timings de início e fim, uma vez que todos os fatores socioculturais, familiares e pessoais poderão fazer com que esses mesmos timings variem.

A adolescência é um período de diversas mudanças na vida das crianças, sejam elas a nível físico, psicológico ou social. Esta não pode ser encarada apenas como uma fase de transição entre a infância e a adolescência, uma vez que é uma das fases mais importantes na constituição do indivíduo enquanto adolescente e membro pertencente a uma determinada sociedade e grupo (Simões, 2010; DGS, 2013; Becker, 2017).

Muitos especialistas referem que a adolescência é a fase das crises existenciais, fundamentais na constituição da personalidade do indivíduo. Este período é referido como um período de crise, na medida em que existem diversas mudanças, tanto sociais, como familiares e afetivas, como psicológicas, acontecem também manifestações frequentemente bruscas, inconstantes e inconscientes e extremas, muitas das vezes, que vão ter bastante importância no seu comportamento individual e social. É também um período incerto e por isso denominado, como referido anteriormente, como momento de crise (Erikson 1976; Bracconnier & Marcelli, 2000).

No processo da formação da adolescência, podem-se distinguir várias fases, que são diferentes tendo em conta diversos fatores, principalmente a idade. Um jovem de 14-15 anos, não vai experienciar as mesmas coisas que um jovem de 18-19 anos. No entanto, todos passam pelos mesmos processos até atingir a idade adulta, principalmente no que diz respeito aos processos fisiológicos, ou seja, a puberdade. Além disso, os adolescentes não crescem todos ao mesmo ritmo, havendo uma certa individualidade na forma como estes crescem (Fonseca, 2008).

No entanto, de um modo geral a adolescência suporta diversas fases de passagem no processo bio-psico-sociológico do indivíduo, encontrando-se segundo a OMS (2002a) dividida em 3 fases: a Adolescência Precoce (entre os 10 e os 13 anos), a Adolescência Média (entre os 14 e os 15 anos) e Adolescência Posterior (entre os 16 e os 19 anos).

Bracconier & Marcelli (2000) referem ainda que a adolescência enfrenta 4 etapas fulcrais:

- Em primeiro lugar, a instalação da adolescência, caracterizada por todas as alterações corporais e pelo aumento da força instintiva e pulsional, causados pelo desenvolvimento pubertário e todas as transformações fisiológicas, desde o aumento da altura e do peso, do aparecimento dos pelos, alterações da voz, até ao início das secreções hormonais sexuais. Estes dois instintos levam os jovens a interrogarem-se sobre o seu mundo pulsional e a manifestar todo um conjunto de emoções, de humores e de comportamentos nas relações que estabelecem consigo e com os outros. Para além disso, nesta fase procuram também o isolamento e a solidão, pois não sabem como lidar com todas essas novas mudanças. É uma fase bastante contraditória, na medida em que apesar de procurarem a solidão, procuram também relações afetivas mais fortes e intensas;

- Seguidamente aparece a primeira adolescência, em que é procurado o amigo ideal e confidente, com quem poderá abrir os seus problemas e repartir com este os seus desgostos, tristezas, dificuldades, mas também os seus amores, ambições, entusiasmos e até conquistas. Apesar deste amigo estar presente desde sempre, ganha nesta fase mais ênfase, uma vez que o adolescente começa a quebrar a ligação extremamente vinculadora com os pais;

- A adolescência instalada é a considerada a terceira fase. É nesta em que aparece o primeiro amor e o início das relações sexuais, fazendo a ligação harmoniosa entre o amor, a ternura e a sexualidade. É a fase das experiências e das tentativas e erros. É nesta também onde se gera o movimento intrapsíquico de chegada à mudança, de desligar-se e libertar-se de comportamentos e das velhas maneiras de se relacionar, de deixar os velhos projetos construídos e elaborados durante a infância e criar novos projetos, mais direcionado para o seu novo eu e para as suas novas crenças e ideologias;

- Recentemente, inventariada pelos sociólogos, emergiu o que aparece como a última fase, denominada a Pós-adolescência. Esta é a transição entre a entrada na vida adulta, com todas as suas novas ideologias, orientações e carácter pessoal já bem definido e a ligação ainda com a infância e o adeus à mesma. Este adeus é feito de forma progressiva e não acontece na sua plenitude, uma vez que, mesmo já na fase adulta o indivíduo vai manter sempre certos laços

importantes criados na infância, não só através das memórias que guardou, mas também dos traços de personalidade que adquiriu no decorrer da infância e que permaneceram sempre com ele.

Por outro lado, Becker (2017) compara o adolescente a uma borboleta, referindo que também este sofre de uma metamorfose desde a idade de criança até atingir a idade adulta.

Apesar de o autor não definir idades em concreto, uma vez que defende que cada individuo é único, este também, utilizando a mesma comparação, refere que quando se inicia a transformação, a criança começa a isolar-se mais no seu casulo, reencontrando-se consigo mesmo, com os seus pensamentos e maneiras de pensar, amadurecendo também mais o campo sentimental, emocional e cognitivo, construindo as suas asas que o vão ajudar a entrar no mundo adulto. Lembrar que Becker (2017) também defende que a construção do adolescente se deve aos estímulos que este encontra no seu meio envolvente, nomeadamente familiares, culturais, sociais, entre outros.

1.3. Modelos Teóricos da Adolescência

O aumento dos conhecimentos sobre a psicologia da criança e as diferentes fases do desenvolvimento, desde o nascimento à morte, levou a que os especialistas, nomeadamente psicólogos, se interessassem pelo que se passa no período de passagem de criança a adulto. Nesse sentido, numerosos especialistas descreveram a adolescência como um período de crise, composto por mudanças – sociais, familiares, afetivas, psicológicas – e manifestações bruscas, inconstantes e extremas no seu comportamento individual e social, mas também como um período aberto e incerto. Este momento de crise não tem, de certo modo, uma conotação negativa, pois refere-se à procura de uma autonomia e independência próprias dos adolescentes (Bracconnier & Marcelli, 2000; Tiba, 2005).

Como referido no ponto anterior, as reflexões sobre a adolescência dizem respeito ao individuo na sua singularidade, no entanto é importante entender que este é o reflexo do seu meio envolvente, ou seja, dos aspetos coletivos, culturais e sociais desse mesmo meio.

Desta forma é difícil descrever um adolescente sem fazer a ligação entre as suas características pessoais e o meio que o rodeia, principalmente na sua relação habitual com os pares.

É, então possível falar da adolescência em diferentes perspetivas (Bracconnier & Marcelli, 2000):

- Perspetiva Médica: diretamente relacionada com a fase pubertária que responde a uma lógica interna precisa e altera a imagem do corpo, podendo em muitos casos suscitar perturbações orgânicas, com maior ou menor importância, cuja repercussão psicológica pode ser grande;

- Perspetiva Social: refere-se ao impacto que a sociedade tem na construção das características pessoais de cada indivíduo, passando-lhes todos os valores e costumes existentes no período em que se encontram;

- Perspetiva Psicológica: nesta perspetiva as preocupações dos profissionais dirigem-se às perturbações que afetam os pensamentos dos adolescentes, pensamentos esses que se debruçam sobre as oscilações de humor, sobre os momentos depressivos, agressividade e muitas outras perturbações de comportamento que os jovens apresentam hoje;

- Perspetiva Educativa: relacionada com as fases de aprendizagem, quer sejam elas intelectuais, quer sejam educativas, sendo esta considerada por muitos, o período de tentativas e erros que levaram à integração dos comportamentos sociais;

- Perspetiva Cultural: esta difere de cultura para cultura, em que as crises da adolescência são mais ou menos ritualizadas consoante códigos sociais que diferem com os costumes da cultura onde se inserem;

- Perspetiva Histórica: esta perspetiva procura saber se de facto este termo “adolescência” é um termo já utilizado nos tempos antigos ou se é um termo inventado nos tempos modernos.

- Perspetiva Psicanalítica: Calligaris (2000), defende que são necessários elementos culturais para a compreensão da adolescência. Também defende que a sociedade tem uma enorme influência nas manifestações adolescentes e que estas devem ser tidas em conta, uma vez que este período é um período de desenvolvimento em que a sociedade nega em aceitar o jovem como podendo ser responsável pelos seus atos. Para o autor, a adolescência é um fenómeno contemporâneo, onde se instala uma moratória a fim de prolongar esse período e que apesar de este já estar pronto e apto para o amor, sexo e trabalho, ainda se encontra sob a tutela dos adultos, sendo por isso também, que o adolescente não tem um papel bem definido no seu meio.

Por outro lado, Silva *et al* (2011) faz referência à Teoria de Piaget, teoria esta que enfatiza o desenvolvimento do indivíduo desde que nasce até ao momento que adquire solidez e consistência própria que lhe darão distinção perante os outros no seu meio envolvente.

Dessa forma, o autor explica que, com base nesta teoria, a criança passa por inversos processos e fases até alcançar o período do pensamento lógico-concreto, fase esta que antecede a puberdade e onde se iniciam as relações mais vincadas com os outros, trabalhando neste o seu pensamento lógico. Seguidamente o individuo passa para o período das operações formais (adolescência), deixando para trás o pensamento abstrato e adquirindo aquele que é o pensamento formal, tendo a partir daí a capacidade de desenvolver ideias e tirar conclusões (*idem*).

Segundo a mesma teoria e a perspectiva de outros autores, o adolescente passa assim de um comportamento antissocial, onde se afasta da família de forma a tornar-se independente e autónomo, para um comportamento de integração na sociedade, onde pretende a aceitação pelos pares e sociedade envolvente (Carvalho, Salles & Guimarães, 2003; Silva *et al*, 2011).

Concluindo, os teóricos da adolescência, defendem que esta transição é acompanhada pelo desenvolvimento da mente, caracterizada pela forma de pensar sistémica, lógica e hipotética (Berger, 2003; Silva *et al*, 2011).

1.4. O papel das relações familiares na construção do adolescente

De acordo com o processo cultural e a evolução do tempo, a família tem vindo a superar mudanças constantes, conseguindo ajustar-se de forma a receber e a acolher os novos membros, auxiliando-os e contribuindo para o seu desenvolvimento como um ser digno, guiando-o no caminho da satisfação existencial e de bem-estar social (Maluf, 2010; Barreto & Rabelo, 2015).

A família define-se como um organismo que, como referido anteriormente, se organiza socialmente, onde o individuo se vincula através do nascimento, casamento e filiação, baseando-se nos costumes, cultura e época em que está integrada (*idem*).

Para que se faça uma análise mais pormenorizada do adolescente é necessário que se entre na dimensão da família, percebendo a sua formação, estrutura, condições de vida, necessidades, relações entre e intrafamiliares, fatores culturais e os vínculos relacionais e os afetos estabelecidos intra e extra família (Ferreira, 2011; Barreto & Rabelo, 2015).

A família tem sofrido algumas transformações ao longo das últimas décadas, tendo a mulher adquirido novos papeis fora da família e o homem mostrando a sua presença nos diferentes papeis internos à família. No entanto as funções básicas desempenhadas por esta instituição no decorrer do processo de desenvolvimento psicológico têm-se mantido, de um

modo geral, as mesmas (Negreiros & Féres-Carneiro 2004; Pratta & Santos, 2007; Maluf, 2010).

Andolfi (1981) relata a família como um sistema de interação que culmina dentro dela vários componentes individuais, articulando-os entre si. Este defende que a família é um sistema entre sistemas, essencial para a exploração das relações interpessoais, de todas as normas que regulamentam a vida dos grupos a que o indivíduo pertence e para a própria compreensão dos membros da família.

Na sociedade moderna podem-se identificar, segundo Giddens (2004), um conjunto de diferentes tipos de famílias, sejam elas monoparentais, em que a criança/adolescente está ao cuidado de apenas um dos progenitores, sejam elas recompostas, em que um dos progenitores segue um novo caminho relacionando-se com outra pessoa ao qual se chama habitualmente madrasta ou padrasto, sejam elas gay ou ditas normais.

Independentemente da formação da família e de todos os indicadores que a definem, a família é muitas vezes designada como o primeiro grupo social a que a criança pertence desde o momento que nasce, criando marcas únicas na vida e no desenvolvimento dos indivíduos, influenciando, posteriormente, nas ações e comportamentos tomados. Esta é um grupo de organização complexa, que se insere num contexto social amplo (Biasoli – Alves, 2004; Tomé, Matos & Simões, 2015).

Esta é, então, a instituição responsável pelo processo de socialização primária das crianças e adolescentes através do estabelecimento de formas e limites nas relações estabelecidas entre as diferentes gerações, ajudando na adaptação destes às diferentes exigências da forma de conviver na sociedade (Simionto-Tozo, 1998). Além disso, esta é a principal responsável por educar, socializar e suprir as necessidades dos seus membros, de forma interativa qualificada (Batista & Teodoro, 2012).

Uma das mudanças mais importantes na família, numa perspetiva histórica, foi a inserção dos sentimentos no dia a dia e quotidiano da mesma. Antigamente, as famílias eram feitas por arranjo, sendo os pais os detentores da vontade, na medida em que eram estes que escolhiam os pretendentes para os seus filhos de modo que a família ficasse honrada. No entanto, com a inserção dos sentimentos, as famílias passaram a formar-se por opção, sendo que cada indivíduo teve a hipótese de escolher com quem quer constituir família, por intermédio de uma relação afetuosa e com partilha de amor e carinho, na maioria dos casos (Ferreira, 2011).

Neste sentido, Osorio (1996), refere que a família tem um papel extremamente importante, pois é detentora de um modelo/padrão cultural que tem as suas próprias

especificidades em função da sociedade onde está inserida e sofrendo alterações, mais ou menos significativas, ao longo da evolução histórica e social.

No que concerne às relações estabelecidas entre pais e filhos, também estas sofreram alterações a nível histórico. No século XX, a educação concedida pelos pais aos filhos tinha por base os valores e princípios religiosos. Neste período, os pais tinham o total controlo sobre os seus filhos, sendo extremamente exigentes, principalmente no que dizia respeito ao cumprimento das normas e regras sociais. Estas relações eram definidas pelo respeito e autoridade (Figueira, 1987).

Por outro lado, a partir da segunda metade do século XX, com as enormes mudanças sociais, económicas e trabalhistas, estas começaram a sofrer alterações, que ainda acontecem nos tempos que correm, fala-se então da urbanização, da industrialização, do avanço tecnológico e principalmente da emancipação da mulher e na sua emergência no mercado de trabalho, entre outras, e que vieram trazer às famílias um novo modo de distribuir os papéis, passando a ter papéis e responsabilidades iguais por parte do homem e da mulher. Dessa forma, as relações entre pais e filhos deixaram de ser baseadas na imposição da autoridade, passando a ser valorizado o diálogo, através de um relacionamento aberto, dando prioridade às questões da afetividade (Lisboa, 1987; Scavone, 2001; Maluf, 2010; Barreto & Rabelo, 2015).

No entanto, este avanço rápido na forma das famílias, veio, segundo alguns autores como Figueira (1987) e Caldana (1998), trazer pouca consistência à forma como são educadas as crianças e adolescentes, uma vez que se perderam os referenciais pessoais de cada progenitor.

Porém, e como foi referido anteriormente, a família detém o papel primordial no amadurecimento e desenvolvimento biopsicossocial dos seus descendentes, é no interior desta que se estabelecem os primeiros relacionamentos interpessoais, com pessoas significativas, fazendo transferência emocionais, que funcionam como suporte afetivo, importantíssimos para a idade adulta. A nível biológico, transmitem tudo o que é necessário para a sobrevivência do indivíduo; a nível psicológico, trata-se da passagem de afeto desde o momento do nascimento (fundamental para que este sobreviva emocionalmente), dar suporte em momentos de ansiedades existências de forma a ajudá-los na superação de crises pela qual todos passam em algum momento da vida (o caso específico da adolescência), e por fim, criar um espaço adequado à aprendizagem empírica que irá sustentar o processo de desenvolvimento cognitivo do indivíduo (Osório, 1996).

Todas as famílias atravessam mudanças imprevisíveis dentro dela, desde o nascimento de uma criança, a passagem na adolescência, o casamento dos filhos, etc., que causam um

grande impacto no contexto familiar e que influenciam diretamente no processo do desenvolvimento da família (Scabini, 1992).

A fase da adolescência é um período que se caracteriza por sofrer grandes mudanças, não só para a criança que passa a ser adolescente, mas também na família, uma vez que há necessidade de uma adaptabilidade a novos pensares, novos agires, novos pontos de vistas. Esta é uma fase de novos desafios, em que há um questionar de valores e regras familiares por parte dos adolescentes, onde nenhuma das partes se compreende, não sabem como lidar e apoiar entre elas ou quando se devem deixar entregar ao outro. É por isso, a etapa mais longa e mais difícil do ciclo vital, exigindo um forte equilíbrio entre o sistema familiar e as vontades e aspirações de cada membro da família (Alarcão, 2006; Bedene, 2010).

Na atualidade, vivemos num mundo onde existe diversos problemas de uma juventude inconformada e que se enfrenta com a violência como forma de resolução de conflitos. Esta violência não é mais que uma resposta institucionalizada das forças e exemplos de ordem familiar e social (Bedene, 2010).

Os comportamentos familiares são uma componente importantíssima na formação da identidade do adolescente, uma vez que estes servem como modelos a seguir desde crianças de tenra idade, devido à vinculação que existe dos seus pais, principalmente e das representações que fazem dos seus comportamentos. Por isso, é de extrema importância que haja uma boa qualidade das relações entre os membros da família, harmonia familiar, um bom exemplo de relação conjugal e também uma boa capacidade de trocas familiares com o meio social envolvente. São estes aspetos que irão influenciar positiva ou negativamente os filhos, podendo em casos extremo de má relação familiar, levar a déficits e transtornos psicoafectivos nas gerações mais jovens da família (Scabini, 1992, Tallón et al., 1999; Campos, 2010; Barreto & Rabelo, 2015).

Apesar de se identificarem como um ser individual e autónomo, os adolescentes estarão sempre ligados aos seus pais ou aos detentores de papéis paternos, principalmente do mesmo sexo que o seu. Só depois com o avançar da idade é que estes terão a capacidade de absorver os exemplos extrafamiliares junto do seu meio envolvente, mantendo, na mesma, os modelos já enraizados provenientes dos seus progenitores (Braconnier & Marcelli, 2000).

É por isso que o adolescente é tido como um indivíduo de identidade esponjosa, absorvendo tudo à sua volta e projetando mais tarde nas suas relações extra e intrafamiliares, tornando-se então um processo de projeção e introspeção intensos, variáveis e frequentes. Todas as experiências vivenciadas por ele, principalmente no contexto familiar, contribuem

diretamente para a sua formação enquanto adulto, pois é neste seio que passa por uma série de experiências genuínas de afeto, raiva, dor, medo, etc. que possibilitarão uma aprendizagem essencial para a forma como irão atuar no futuro enquanto adultos (Spiegel, 1961; Bedene, 2010).

Alguns autores defendem ainda que a adolescência apresenta um grande impacto, tal como já visto anteriormente, na vida familiar. Osorio (1992) e Blos (1996) defendem e referem que a adolescência é um processo de individuação, onde se descobrem e questionam valores, normas, onde existe um recorrente reconhecimento da sociedade para que seja integrado nela, levando mais tarde às relações objetivas, através da desvinculação dos objetos primitivos e da criação de novos vínculos com o seu meio circundante. Porém, para que isso possa acontecer de forma positiva e saudável, é importante, mais uma vez, que as suas relações mais remotas, principalmente as relações parentais, tenham tido um carácter positivo, já que estas constituem as bases para futuros vínculos (Zaguri, 2004; Sampaio & Vieira, 2010; Zanetti & Gomes, 2011).

Os adultos, normalmente os progenitores têm um papel fundamental e central neste processo, pois são eles que deverão oferecer as bases iniciais aos seus descendentes, nomeadamente no que diz respeito a normas e regras essenciais e fundamentais para se poderem integrar na sociedade. São eles também que atuam como modelos compostos por ideias e valores que serão transmitidas às gerações futuras (Biasoli-Alves, 2004; Morgado *et al.*, 2014).

Apesar de a fase da adolescência poder acarretar muitas desavenças entre pais e filhos, estas serão bem resolvidas se houver uma negociação positiva, através do diálogo, a fim de resolver esse conflito criado, trazendo porventura benefício para o crescimento de ambas as partes. O diálogo é uma ferramenta de extrema importância nesta fase tão solitária, pois apesar de não admitirem e procurarem o isolamento, é nesta fase que os adolescentes necessitam de mais orientação e compreensão por parte dos pais. A falta de diálogo pode trazer, em alguns casos, sérios problemas a nível de relacionamento, podendo afetar o bem-estar e a saúde psíquica dos adolescentes (Drummond & Drummond Filho, 1998).

Os mesmos autores defendem que se for estabelecida desde cedo uma relação de respeito, confiança, afeto e civilidade entre todos os membros da família, toda ele tende a lidar melhor com esta fase tão crítica do desenvolvimento dos indivíduos.

Por outro lado, outros estudos confirmam que as crianças e jovens que se vêm expostos a experiências traumáticas, como abuso físico/psicológico, negligência, punição excessiva e agressiva e violência no seu geral, encontram-se mais predispostos para a criação de traços ou

sintomas de personalidade e de comportamentos de risco (Benetti et al., 2010; Davoglio *et al.*, 2012; Patias *et al.*, 2016).

1.5. As relações amorosas na Adolescência

A entrada na adolescência é caracterizada por uma certa separação dos pais, responsável pela sua individualização. Para preencher o vazio e colmatar as ansiedades criadas pela pseudo-separação dos pais, o adolescente procura criar laços e integrar-se nos seus grupos de pares, usando novos modelos de identificação, que o permitirão escolher de entre os grupos, aqueles que apresentam os mesmos interesses. O adolescente tomará esses grupos como a sua “nova família” partilhando os mesmos interesses, gostos, formas de pensar e agir, que antes eram partilhados e proporcionados pela sua família (Aberastury, 1989; Cicognani, Zani & Albanesi, 2003; Aguiar, 2011).

Nesta fase fulcral da vida de cada individuo, é usual este fazer três tipos de luto, fundamental para o seu desenvolvimento e crescimento saudável. São eles o luto pelo corpo infantil, pela sua identidade e papéis infantis e pelos pais da infância. Se este luto for bem-sucedido o adolescente poderá ir em busca de uma identidade própria e única, mas desta vez, sem exclusividade parental, ou seja, buscará uma identidade baseada nas suas vivências e experiências com os novos membros da sua vida (Aberastury, 1989).

É também neste período de vida que as relações com os outros começam a ganhar ênfase e importância, ganhando assim um lugar privilegiado na vida dos adolescentes, principalmente aquelas que se constituem como relações amorosas (Diniz & Alves, 2015; Andrade, 2017).

Estas relações amorosas são importantíssimas na criação da sua identidade e na definição daquilo que poderão vir a ser as suas relações amorosas num futuro adulto. Pode-se assim dizer que as relações amorosas na adolescência são ensaios para a vida adulta, e todas as experiências que este tiver irão ajudar o individuo a aprender a se relacionar e a testar as suas capacidades. Portanto, estas relações não são mais que buscas pela aquisição da sua identidade (Matos, Féres-Carneiro & Jablonski, 2005; Aguiar, 2011).

Segundo Vicent (2005), o amor é algo característico do ser humano, pois apesar de sabermos à partida que também os animais podem demonstrar amor, estes não têm as mesmas ferramentas psicoafectivas que os humanos, que fazem com que este seja único. Este é, não só, possivelmente a ferramenta mais utilizada por cada individuo ao longo da vida, como também um caminho de aprendizagem e de desenvolvimento do individuo desde muito cedo.

As relações entre os adolescentes diferem consoante os países, culturas, a duração da adolescência e os métodos adotados para a socialização do indivíduo e não se mantiveram inalteradas no tempo. O que se usava como ritual de namoro há 50 anos não é, de todo, o que se usa nos dias que correm (Araújo, 2002).

Antigamente era usual as famílias realizarem “arranjos”, que estabeleciam nada mais que relações económicas e financeiras, levando os filhos a casarem, muitas vezes bastante jovens e sem terem previamente, algum contacto físico, devido a esses mesmos interesses. (*idem*)

Com o passar dos tempos e com a valorização dos sentimentos, as relações entre pessoas começaram a acontecer devido às ligações afetuosas entre as pessoas.

No entanto, nos tempos que correm os adolescentes são muito mais precoces, procurando mais o toque através dos beijos, das caricias e também das relações sexuais. Também o sexo é falado mais abertamente e muitas das vezes experimentado com intenção de obter prazer e não de constituir um sentimento propriamente dito (Matos, Féres-Carneiro & Jablonski, 2005).

É na adolescência que se dá o primeiro contacto com o outro e com o desejo de construir uma relação, uma família, de visualizar um futuro prometedora. É também nesta fase que aparece a primeira paixão, desejo pelo outro e de contruir não só uma relação amorosa, mas também sexual. Há nesta, a criação de características psicoafectivas do namoro, que obrigam o jovem a realizar em si um certo amadurecimento não só físico, mas também psicológico, transferindo o amor concedido pelos pais, para o seu par (Dolto, 1986; Denari, 1997).

A evolução digital e o crescimento tecnológico têm vindo a reinventar também as formas de interação e comunicação entre as pessoas, principalmente os jovens (Instituto Nacional de Estatística, 2017). Antigamente as primeiras conversas entre adolescentes eram feitas nos recreios ou à porta da escola, no meio de vergonha. No entanto, os espaços virtuais têm-se mostrado mais atrativos e flexíveis para iniciar novas relações interpessoais, incluindo as amorosas, uma vez que os jovens têm ao seu dispor uma panóplia de ferramentas digitais e tecnológicas, como as mensagens de texto, as redes sociais, entre outros (Burke, *et al.*, 2011; Caridade & Braga, 2019).

Para além das relações virtuais, que são muito usuais entre casais de adolescentes na atualidade, existem outros novos tipos de relações, nomeadamente aquele que se pode chamar na gíria de “curtir”, em que não existe uma relação profunda nem um planeamento de relação para o futuro, sendo apenas uma relação ocasional, em que estes apenas se encontram com o

objetivo de partilhar carícias físicas e sexuais sem qualquer tipo de compromisso, podendo estar hoje com um parceiro e amanhã com outro, sem que se tenha que dar qualquer tipo de explicação ao anterior parceiro (Furman & Shaffer, 2003; Matos, Féres-Carneiro & Jablonski, 2005; Franzi & Araújo, 2018).

No entanto, nem todas as relações são deste tipo, havendo, claro, adolescentes que não abrem mão da relação mais séria (namoro), com perspetivas de relação no futuro, com o intuito de constituir família e uma relação sólida. Estas relações têm uma extrema importância no desenvolvimento do adolescente, mostrando-se como fatores imprescindíveis para o desenvolvimento da autonomia e da maneira de pensar e agir nas relações do futuro (Collins, 2003; Collins, Welsh & Furman, 2009).

A relação de namoro é vista como um compromisso, uma interação e intimidade física, mental e sexual entre duas pessoas que partilham sentimentos positivos entre elas. Estas relações foram, ao longo dos tempos, sofrendo alterações, alterando a sua forma na pré revolução sexual em que o namoro era curto e ia até ao casamento, sempre sob o controlo dos pais e mães; e pós-revolução sexual, em que os namoros podem abranger relações curtas ou duradouras, com ou sem coabitação. Esta última é o tipo de relação mais utilizado nas sociedades mais modernas (Sugarman & Hotaling *cit in* Oliveira & Sani, 2005; Pascoal, 2010).

Infelizmente, em algumas situações e relacionamentos, por motivos diversos, os sentimentos mais prazerosos podem ficar escondidos, deixando sair outros sentimentos, não tão positivos, como a agressividade, a apatia, a raiva, que poderão estar relacionados com a sua história de vida no geral.

Nestas idades, em que a maturidade cognitiva ainda não foi alcançada, em que as emoções e os afetos passam por uma fase de turbulência, em que os traços de personalidade ainda não estão totalmente delineados e definidos e em que os relacionamentos amorosos são marcados por uma certa inexperiência, que aparecem os primeiros padrões violentos nesses mesmos relacionamentos (DGS, 2014).

Com o início desta nova descoberta, surgem em muitos os primeiros padrões de violência na intimidade, sendo confrontados com situações relacionais inesperadas, pautadas por comportamentos violentos e outras formas de coerção, que poderão ser percebidos como manifestações de amor e/ou ciúme. Estas podem ocorrer devido às alterações desenvolvimentais que constantemente ocorrem e pela instabilidade emocional por que passam os jovens (Caridade & Machado, 2006; Ferreira, 2011; Pinheiro, 2016).

Capítulo II – Violência no namoro

2.1. Definição de Violência no namoro e a sua tipificação

A definição de violência tem sido alvo de alguma controvérsia ao nível da literatura, assistindo-se à emergência de diferentes conceptualizações sobre a definição do termo (Arriaga & Oskamp, 1999).

Naturalmente, o fenómeno da Violência não é algo atual tendo vindo a ganhar ênfase e a ser considerado realmente um grave problema social desde há poucos séculos atrás. Esta é comum a todas as sociedades, no entanto, cada uma tem os seus próprios critérios do que poderá ou não, ser considerado violência (Dias, 2004).

De entre todas as conceções de violência, Domenach (1978) defende que esta constitui-se sempre como uma forma de exercício de poder, mediante o uso da força, seja ela física, psicológica, económica ou política. Este exercício de poder sobre outrem tem a finalidade de obter algo quando não há consentimento livre da outra parte.

No entanto, na perspetiva de outros autores, como Khan (1978) e Pestiaeu (1992) esta é um tipo de agressão gratuita, impulsiva, excessiva e despropositada que não tem apenas a finalidade de obter do outro algo que ele não consentiu livremente, mas também intimidar, manipular e causar danos físicos e psicológicos no outro.

Também as perspetivas mais recentes dão conta de que a violência é uma forma de relação, em que se utiliza força física, psicológica, económica e/ou sexual com o intuito de impor ou reagir contra algo ou alguém, que transmite uma posição de superioridade face ao lesado, reconhecendo este como inferior (Martínez et al, 2009; Ali *et al*, 2016; Straus, 2016; Winstok, 2016).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) (2002b), refere também que a violência consta do uso de força física ou poder, em forma de ameaça ou na prática contra si próprio, outra pessoa, um grupo de pessoas ou comunidade de onde resulta ou possa resultar sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação de algo. Esta é então composta por condutas que podem ou não ser aceitáveis, consoante, tal como referido anteriormente, das crenças e culturas de cada população e sociedade. No entanto, não deixa de ser um atentado aos Direitos e Dignidade Humana.

De uma forma resumida, segundo a OMS (2002b), a violência pode ser categorizada como:

- Violência Autodirigida: aquela que é infligida sobre si, como o suicídio ou auto-abuso;
- Violência Interpessoal: perpetuada por outro indivíduo ou por um pequeno grupo de indivíduos, como a violência no namoro, doméstica, familiar;
- Violência Coletiva: executada por grandes grupos (grupos políticos, terroristas, milícias), designada também como violência social, política e económica;

A violência nas relações de intimidade ou nas relações de namoro não é diferente e também esta é transversal a toda a sociedade e existe desde sempre. Este tipo de violência tem-se mostrado uma das formas mais comuns e precoces de violência interpessoal e é, sem dúvida, um atentado aos direitos humanos e à vida na sua generalidade, tornando-se por isso também uma questão de saúde pública, que afeta todo o mundo, independentemente do seu estado socioeconómico, religião e cultura (Campbell, 2002; OMS, 2015; Bittar & Nakano, 2017).

O envolvimento dos jovens nas diversas formas de violência, seja como vítimas, seja como agressores tem-se vindo a reconhecer nos dias atuais, como um grave problema de saúde pública em todo o mundo e o estudo sobre este fenómeno tem vindo a emergir, uma vez que deixou de se acreditar que a violência apenas acontecia nas relações maritais (Matos *et al.*, 2009).

Uma das características muito presente na sociedade, segundo diversos estudos realizados sobre os comportamentos entre jovens, é a violência e crueldade existente entre os adolescentes. A violência juvenil é um tipo de violência interpessoal das mais graves a nível de violência, uma vez que se traduz em diversas consequências negativas. Os comportamentos violentos utilizados pelos jovens podem assumir modalidades de expressão muito diversas e heterogéneas, esta não diz apenas respeito às diversas formas de violência, mas também ao contexto em que ocorrem (Matos *et al.*, 2009).

Infelizmente no seio das relações amorosas entre adolescentes, por ser uma fase de diferentes estados emocionais, de imaturidade emocional, inexperiência relacional e também de iniciação sexual, existe uma grande vulnerabilidade para a existência de conflitos relacionais, emergindo assim conflitos que levam a situações de violência, mais ou menos graves, que merecem total atenção (Cuevas *et al.*, 2014; Fernández-González *et al.*, 2014).

Apesar de também a Violência no Namoro ter existido desde sempre, tornou-se mais visível a partir dos anos 80, tendo vindo a aumentar substancialmente desde então, não sendo algo exclusivo das relações amorosas dos adultos. Esse aumento significativo despertou o

interesse na investigação sobre a temática, permitindo assim compreender a sua natureza e complexidade e a desenvolver meios de prevenção deste problema social (Hickman *et al.*, 2004; Caridade & Machado, 2013).

Esta pode-se constituir como um ato pontual ou contínuo de violência, realizado por um dos parceiros ou por ambos, com o intuito de magoar, humilhar, dominar e controlar o outro e a relação. Este tipo de violência pode acontecer em relações mais ou menos sérias e longas ou curtas (APAV, 2015b; Gehring & Vaske, 2015; Alho, 2018).

Murray & Kardatzke (2007) referem que pode-se entender por Violência no Namoro, o desenvolvimento de comportamentos violentos entre dois indivíduos que têm entre si uma relação para além da amizade, que partilham uma ligação emocional, romântica e sexual, mas que não são noivos/casados nem vivem em união de facto.

Também Stonard, *et al.* (2014) e a OMS (2021) referem que a violência no namoro se trata de uma série de comportamentos violentos, abusivos ou ameaçadores, onde estão incluídas a violência física, psicológica/emocional ou sexual, e que são direcionados para um/a parceiro/a romântico. Todos esses comportamentos, são considerados como controladores, causando dano, dor ou lesão na vítima, podendo ser punido com pena de prisão. (Artigo nº 152º, nº1, alínea b) do Código Penal Português – Violência Doméstica.

Ainda segundo a Associação União de Mulheres Alternativa e Resposta - UMAR (2017) a violência nas relações de namoro é o resultado das relações de desigualdade de poder, em que uma das partes da relação, tenta impor a sua força submetendo a vítima a comportamentos de poder e controlo, causando à outra parte dor e sofrimento.

Este tipo de Violência pode emergir através das seguintes formas:

- *Violência Física*: envolve agressões corporais que podem ou não deixar marcas, com o intuito de causar dano físico à vítima, utilizando atos como empurrar, esbofetear, bater, entre outros (Mouzos & Makkai, 2004; Murray & Kardatzke, 2007; Magalhães, 2010; Leitão, 2013; UMAR, 2017).
- *Violência Psicológica/ Emocional*: envolve padrões de comunicação verbal e não verbal com intenção de causar no outro, de forma intencional, intimidação e medo, através de atos como insultos, ameaças verbais, isolamento, ciúmes doentios, manipulação, controlo, submissão, humilhação, abandono, traição, destruição e/ou dano de objetos pessoais da vítima, entre outros (Magalhães, 2010; Shorey *et al.*, 2014; UMAR, 2017).

- *Violência Verbal*: apesar de a maioria dos autores associar este tipo de violência à violência psicológica, a UMAR (2017) separa-as, referindo que esta envolve ações como humilhar, desprezar, ofender, rebaixar, chamar nomes durante a discussão.
- *Violência Sexual*: esta apresenta-se sob a forma de coação ou abuso/violação. Nesta é comum um dos parceiros obrigar o outro a ter relações sexuais contra sua vontade ou acariciá-lo sem que este esteja a fim do ato. Segundo o mesmo estudo este tipo de violência é o menos denunciado, pois as vítimas sentem-se na obrigação de satisfazer os seus parceiros por terem uma relação, neste caso de namoro, com o agressor (Magalhães, 2010; UMAR, 2017).

No entanto, considerando o modo de como a sociedade se organiza nos tempos atuais, esta (UMAR, 2017) considera que podem existir mais 3 tipos de violência, tipificada também como Violência Social ou Relacional. São eles:

- *Controlo*: este, quando presente numa relação de namoro, pode passar por proibir o parceiro de sair sozinho sem si, de falar com alguém (amigos ou família), obrigar ou proibir de vestir determinada peça de roupa, ou simplesmente, obrigar o parceiro a realizar algo que não quer;
- *Violência nas Redes Sociais/ Violência Digital*: este é outro tipo de violência muito presente entre os jovens e hoje, visto que uma grande maioria está muito dependente destas no seu quotidiano. Esta pode perpetuar-se através da publicação de informações pessoais de um dos parceiros sem autorização, de conteúdos íntimos do parceiro e de insultos ao parceiro através das redes sociais;
- *Perseguição*: constituindo-se como crime em 2015, este é um tipo de violência que mais serve de intimidação das vítimas, seja ela realizada durante ou pós a relação de namoro. Nesta, um dos parceiros persegue o outro não só na realidade, mas também no mundo virtual, onde realiza *stalk* constantes das redes sociais do outro.

Apesar dos inúmeros estudos realizados sobre este tipo de violência e as diversas perspetivas de autores que referem as diversas variáveis que podem predispor os jovens para a violência, a verdade é que foram poucos os investigadores que procuraram conceptualizar a problemática no seu geral (Caridade & Machado, 2013).

No entanto, apesar de as teorias não enfatizarem a violência entre casais de jovens, tem-se utilizado as abordagens explicativas da violência íntima no geral para explicar este tipo de violência como um percurso evolutivo, partindo-se das abordagens individuais (teorias intra-individuais), passando por teorias mais sistêmicas e dinâmicas (teorias didáticas-familiares) e culminando numa teoria mais macro que tenta explicar o fenómeno com as variáveis culturais e sociais (teorias socioculturais) (*idem*).

Estudos realizados por Moffitt *et al.* (1997) estimaram que a prevalência da violência entre jovens adultos se situava entre os 21,8% e os 55% e Berry (2000) indica que 20% a 30% dos jovens envolvidos em relações de namoro experienciaram algum tipo de violência no namoro.

Num outro estudo realizado por Machado, Caridade & Martins (2009), junto de 4667 jovens de vários níveis educativos e grupos etários constataram que cerca de 30,6% já teriam experienciado situações de violência nas suas relações de namoro.

Em 2014, Ventura realizou um estudo junto de uma amostra composta por 688 estudantes, chegando à conclusão de que 23% dos inquiridos já teriam sido vítimas nas suas relações de namoro.

Já em 2015, no folheto informativo sobre a Violência no Namoro da APAV (2015a), esta constatou no estudo com jovens entre os 13 e 29 anos que 1 em cada 4 jovens já teriam sido vítimas deste tipo de violência.

Dados mais recentes de 2019, retirados de um estudo realizado pela Associação Plano i, sobre a Violência no Namoro em contexto Universitário, em que participaram 3256 alunos, refere que 53,9% dos mesmos já teriam sofrido em suas relações algum tipo de violência e que 35% já teriam sido agressores (APi, 2020).

No relatório de 2020 sobre a Violência no Namoro, realizado pela UMAR com uma amostra composta por 4598 jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 21 anos, é possível verificar que Violência está muito presente no seu quotidiano, principalmente sob a forma do controlo, da perseguição e da violência sexual (26%, 23% e 19% respetivamente, já sofreram destes tipos de violência).

Um outro estudo nacional realizado pela API (2020) realizado entre 2017 e 2019 junto de 3256 alunos Universitários dá conta que cerca de 53.9% já sofreram de Violência no Namoro pelo menos uma vez na sua vida, sendo 53.6% mulheres e 55.2% homens.

Estes números apresentados nos estudos acima referidos dão conta de que este tipo de violência é algo que tem vindo a acompanhar as relações juvenis ao longo do tempo e que necessitam de uma supervisão redobrada e de uma afincada investigação.

Nesse sentido, fazendo um apanhado das teorias explicativas da violência no namoro e começando pelas teorias intra-individuais, pode-se verificar que estas tentam explicar a predisposição dos jovens para serem não só agressores, mas também vítimas, através das suas características psicológicas e biológicas (Hydén, 1995).

Outros autores como Sharpe & Taylor (1999) defendem que a análise desta temática deve preconizar também as vivências individuais e precoces vividas desde muito cedo, como a exposição à violência entre os pais ou a experimentação do abuso sexual na infância, que se vão unir aos fatores situacionais, como o consumo de álcool ou drogas e os conflitos relacionais.

No entanto, é muito comum entre os diversos autores, a explicação deste fenómeno como uma consequência individual dos jovens, nomeadamente no que diz respeito à sua dificuldade em resolver conflitos relacionais, como ciúmes e a raiva ou frustração (Sugarman & Hotaling, 1989).

Ao contrário das teorias que defendem as abordagens individuais, as abordagens didáticas-familiares, defendem que os comportamentos violentos dos jovens são muitas das vezes consequências das suas exposições a situações de violência na sua infância e às crenças e valores que lhes são transmitidos pelos seus familiares. Ao contrário do que se possa pensar, não só os comportamentos que se vivenciam e experienciam podem ser aprendidos, também os traços de personalidade mais violentos dos progenitores podem ser igualmente aprendidos (Foo & Margolin, 1995; Gelles, 1997; Hines & Saudino, 2002).

A violência nas relações de intimidade na adolescência é um problema de enorme relevância, devido não só à sua prevalência e às suas consequências na saúde física e mental quer da vítima, quer do agressor, mas também porque ocorre numa fase onde os relacionamentos amorosos estão a iniciar e os padrões interrelacionais estão a ser aprendidos, podendo ser usados mais tarde nas relações de intimidade na fase adulta, pois um indivíduo que seja agressor numa relação de namoro está mais predisposto para ser agressor numa relação de conjugalidade futura, tal e qual como a vítima (Ferreira, 2011; Caridade & Machado, 2013).

Como é de esperar, todas as formas de violências provocadas a estes adolescentes irão trazer impactos negativos na sua vida não só a nível físico, mas também a nível mental e social, tais como frustração, depressão, isolamento, vergonha, insegurança, confusão, culpa, entre muitos outros (APAV, 2015a).

A Violência no Namoro, é, segundo diversas investigações, algo que é visto como normal pelos adolescentes, uma vez que muitos dos atos não são aceites por estes como violência, dificultando a denuncia (Dixe et al., 2010; Albuquerque, 2018).

2.2. Fatores de risco para a perpetuação e vitimação na violência

A adolescência, como referido anteriormente, é um período de vulnerabilidade onde são experienciadas as primeiras relações amorosas, onde as identidades sexuais e de género emergem e se clarificam e, onde infelizmente emergem as primeiras situações abusivas por parte do adolescente, mantendo-se, se não houver uma intervenção precoce, nas relações conjugais futuras (Paul & White, 1990 cit. in Jackson, 1999; Caridade & Machado, 2006).

Devido à sua inexperiência no mundo das relações e ao desconhecimento do que é uma relação afetivo-sexual, muitos adolescentes tendem a naturalizar e banalizar aquelas que são atitudes violentas nas suas relações amorosas. Por outro lado, a associação de alguns atos violentos, como o ciúme e o controlo, a atitudes românticas e de preocupação com o par, levam muitas vezes à legitimação da violência por parte da vítima e ao empoderamento do agressor (Oliveira *et al.*, 2014).

Com o avanço das investigações sobre o tema, foi possível perceber que poderão existir fatores predisponentes para a violência, fatores esses que têm extrema importância no momento da prevenção e intervenção juntos dos adolescentes, podendo ir então à raiz do problema (Paiva & Figueiredo, 2003).

Estes “fatores de risco” são, segundo Coie *et al.* (1993), todas as variáveis ou influências que favorecem o aparecimento de uma determinada situação, neste caso de uma situação de violência na relação de intimidade, tendo tendência a agravar-se com o tempo, durabilidade da relação ou toxicidade da mesma.

Caridade, na sua obra *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica* (2011), categorizou os fatores de risco em 6 tipos:

- fatores familiares - maus tratos parentais, episódios de violência entre casal, etc;
- fatores ambientais - associadas às características dos seus grupos de pares;
- fatores sociodemográficos - género, idade, cultura, etc.;
- fatores intrapessoais - fatores associados a problemas de autoestima, desvalorização, etc.;
- fatores interpessoais - meios que desenham para resolver problemas;

- fatores situacionais ou contextuais - utilização de substâncias psicoativas como álcool e drogas de qualquer tipo.

De um modo geral, os comportamentos agressivos não podem ser explicados através de uma análise unilateral, pois estes dependem de inúmeras variáveis internas e externas que interagem em simultâneo durante todo o processo de desenvolvimento do indivíduo (Silvia *et al.*, 2015).

No entanto, como já referido no ponto 1.4, os fatores familiares e os exemplos obtidos dentro do seio da família são os principais fatores de risco para a criação de uma cultura de maus-tratos na sua vida futura, adquiridos principalmente da observação e da repetição/modelagem de comportamentos, tal como referido na Teoria da Aprendizagem de Bandura (1999).

Antoni & Batista (2014) apontam a violência intrafamiliar como o fator de risco mais importante no desencadeamento de comportamentos antissociais, reproduzindo-os junto dos seus grupos informais, resultando em possíveis sequelas emocionais, cognitivas e relacionais para o adolescente.

Dessa forma, este tipo de violência, vivida seja de forma direta seja de forma indireta, podem contribuir para o desenvolvimento de comportamentos de agressão ou vitimação nos mais novos, principalmente no que diz respeito à forma de resolução de conflitos com os pares e à forma de gestão de emoções pessoais, potenciando relações violentas no futuro e a banalização do desequilíbrio de poder nos papéis de género (Oliveira & Sani, 2009; Riggs, Cusimano, & Benson, 2011; Zappe & Dias, 2012; Izaguirre & Calvete, 2016; Sanchez, Ampudia & Jiménez, 2016).

No entanto, não são só as situações de violência doméstica que contribuem para a criação de traços violentos nas crianças/adolescentes. As punições físicas, verbais e/ou psicológicas, a agressividade e indiferença na comunicação dos pais para com os filhos são fatores de risco para a criação de comportamentos agressivos nas crianças/adolescentes.

Por outro lado, no que diz respeito aos fatores ambientais, estes têm-se mostrado particularmente relevantes em idades mais avançadas da adolescência (Freitas *et al.*, 2013; Myers, 2014). A necessidade de afirmação perante o grupo de amigos e a tendência para a repetição de comportamentos violentos nas relações amorosas desses amigos, constituem-se como um potencial fator de risco para a perpetuação da violência (O'kerte, 1998; Braga &

Dell’Aglío, 2012; Elis, Chung-hall & Dumes, 2013; Antoni & Batista 2014; Cardoso & Malbergier, 2014; Alves & Dell’Aglío, 2015).

No que concerne à vitimização, os fatores intrapessoais são o que se encontram mais presentes, sendo que a baixa autoestima, a depressão e comportamentos suicidas são os fatores que mais predisõem para a vitimização e para a aceitação da violência nas suas relações amorosas (Roberts, Klein & Fisher, 2003).

A aceitação e a banalização da violência por parte da vítima constituem-se como um dos fatores de risco mais preocupantes, uma vez que estes são a principal causa para a continuação dos atos violentos nas relações íntimas dos adolescentes e para a difícil consciencialização da população em geral, principalmente dos mais novos (Ventura, Frederico-Ferreira & Magalhães, 2013).

Em 2013, Ribeiro & Sani, realizaram um estudo com jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos, em que os fatores alusivos à desculpabilização dos atos violentos por parte das vítimas eram o consumo excessivo de álcool e a eventual provocação ao agressor por parte da vítima.

Por outro lado, a duração da relação constitui-se também como um perigoso fator de risco, uma vez que com o avanço de tempo na relação e a criação de vinculação ao parceiro, torna mais difícil abandonar a relação, mesmo que esta seja caracterizada por situações de violência (Méndez & Hernández, 2011, cit in Nascimento & Cordeiro, 2011).

Assim, o facto de a vítima banalizar os atos violentos e aceitar estes como gestos de amor, faz com que o agressor mantenha os episódios de violência, inserindo a relação num efeito de “bola de neve”, dificultando o término da relação amorosa (Machado, Caridade & Martins, 2009).

2.3. Impactos da violência nos jovens enquanto vítimas e agressores

O papel de agressor e de vítima é variável, existindo inúmeros estudos relativos à predisposição para o papel de agressor ou de vítima. Caridade & Machado (2006), têm concluído em seus estudos que o papel de agressor está mais presente no homem enquanto a mulher se encontra maioritariamente no papel de vítima.

Por outro lado, outros estudos sobre a temática vieram contradizer o facto de o homem ser, na maioria dos casos, o agressor e a mulher a vítima, alertando para que nas relações de namoro dos mais jovens a violência é perpetuada por ambos os parceiros, evidenciando que as

raparigas podem ser tão violentas como os rapazes (Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004; Beserra *et al.*, 2016).

Glass *et al.* (2003) fazem referência em sua obra a um estudo já com algumas décadas, realizado por Singer, Anglin, Song & Lunghofer (1995) com jovens adolescentes em idade escolar com experiência de violência nas suas relações amorosas, que este tipo de violência tem consequências graves na saúde, principalmente mental, das vítimas, como depressão, raiva, ansiedade, desordem de stress pós-traumático, insucesso escolar e ideação suicida.

Shaps & Campbell (1999), referem de igual modo que em casos mais severos, a violências nas relações de intimidade pode mesmo levar as vítimas a autoinfligir violência, levando-as ao suicídio ou a cometer homicídio como forma de escapar às situações de violência.

É possível perceber que as consequências nas vítimas de violência na intimidade são intemporais e que são inúmeras, tornando-se maiores e mais graves quanto maior for a duração e intensidade da relação abusiva. No entanto, o impacto que esta violência tem nos adolescentes, principalmente naqueles que são vítimas não é linear, uma vez que este depende de um enorme conjunto de fatores que podem agravar ou atenuar os efeitos da violência (Caridade & Machado, 2008).

Independentemente do género da vítima, fisicamente, as consequências podem ir desde pequenas lesões até à incapacidade permanente ou morte. Neste intervalo cabe tudo o que são consequências físicas, como traumatismos, equimoses, contusões e distúrbios, sendo que nos jovens as mais frequências são as pequenas lesões, hematomas e cortes (Leitão, 2013).

Para além desta, existe um tipo de violência que deixa muito mais traumas e causa muito mais impacto do que a violência física perpetuada: a violência psicológica. Esta leva as vítimas a viver com medo, ansiedade, em sobressalto, caminhando por isso para pensamentos depressivos e até mesmo à depressão instaurada. Causam também baixa autoestima e um pânico geral no que diz respeito à intimidade da pessoa. Este tipo de violência tem tendência a deixar mazelas, podendo a vítima desenvolver doenças mentais, ter muitas dores de cabeça, indisposições, angústia, depressões, desenvolvimento de comportamentos antissociais, abuso de álcool e drogas, disfunções alimentares, comportamentos sexuais de risco stress pós-traumático e até mesmo a ideação suicida (Caridade & Machado, 2012; Exner-Cortens, Eckenrode & Rothman, 2013; OMS, 2015; Cartner-Snell, 2015; Njaine, 2015; CDC, 2021; Oliveira *et al.*, 2016; Bittar & Nakano, 2017).

Em relações de namoro entre jovens em idades escolares, a violência pode também levar ao absentismo ou abandono escolar da vítima como forma de evitar o agressor, faltando assim

às aulas e fugindo do ambiente escolar. Outro risco também é a diminuição da concentração em horário de aulas (Bocinski, 2012; Bittar & Nakano, 2017).

Os mesmos autores fazem referência a outro risco extremamente importante quando se trata deste tipo de violência: a forte probabilidade de as vítimas em idades precoces virem a ser novamente vítimas em relações amorosas na idade adulta, devido principalmente à assimilação entre as atitudes violentas e o amor, banalizando e normalizando essas mesmas atitudes. Outra razão para isso acontecer é o facto de a juventude ser uma época em que se inicia a formação da personalidade dos adolescentes e onde irão ser interiorizadas estas atitudes e comportamentos abusivos, normalizando-os.

No entanto, como referido anteriormente, os impactos da violência nem sempre são lineares, dependendo de alguns fatores fulcrais como a existência de histórias passadas de vitimação, da duração da relação e da violência, a frequência e a gravidade dos atos infligidos (Matos & Machado, 1999).

2.4. Papel do Serviço Social na Temática da Violência no Namoro

O Serviço Social é uma área das ciências sociais que procura desenvolver mecanismos para melhorar as qualidades de vida de uma determinada população, provocando nelas mudanças individuais, sociais e coletivas, alcançando assim o bem-estar e a realização pessoal daqueles com que intervém, promovendo também a justiça social (Branco & Portas, 1999).

Trata-se por isso de uma profissão que tem compromisso com a cidadania e que luta pelo reconhecimento do valor humano, pelo respeito pela igualdade entre os indivíduos e pelo direito das pessoas governarem a sua vida livremente, tomando as suas próprias decisões (*idem*).

O Serviço Social coloca-se em ação interventiva através do tratamento de serviços terapêuticos destinados a proporcionar educação parental, apoio à criança e aconselhamento familiar e apoio à família, incluindo serviços concretos, como o apoio ao rendimento ou auxílio material, colocação institucional, apoio mental, serviços de saúde, serviços de saúde domiciliários, supervisão, educação, transporte, habitação, serviços médicos, serviços jurídicos, de assistência em casa, a socialização, nutrição infantil e cuidados de repouso, entre outros. Desta forma, este procura e reúne meios para que se concretize essa intervenção de modo a enfrentar todas e quaisquer formas de opressão, violência, justiça e equidade social (Chalk & King, 1998; Santos, 2015; Albuquerque, 2018).

De forma resumida, o Serviço Social foca-se no trabalho com indivíduos, famílias, grupos ou comunidades, em situação de vulnerabilidade social.

Segundo a Associação dos Profissionais do Serviço Social (APSS, 2018, p.5):

O Serviço Social é uma profissão de intervenção e uma disciplina de nível académico que tende a promover o desenvolvimento e a mudança social, a coesão social, o *empowerment* e a promoção da pessoa. Centrando-se em princípios de Justiça social, nos Direitos Humanos, na responsabilidade coletiva e no respeito pela diversidade. Sustenta-se em teorias do serviço social, nas ciências sociais, nas humanidades e nos conhecimentos indígenas, relacionando as pessoas com as estruturas sociais face aos desafios da vida e a um melhor bem-estar social.

No âmbito da intervenção na violência nas relações de namoro tem-se vindo a trabalhar com maior incidência na prevenção, podendo ser observados projetos de prevenção exemplares dirigidos à população mais jovem, realizando uma prevenção primária, com resultados bastante promissores (Saavedra, 2010).

Esta prevenção da violência passa pela criação de iniciativas e união de esforços, quer públicos quer privados, que visem reduzir o risco de ocorrência dessas situações de violência e/ou de crime, nomeadamente através da redução de fatores de risco e da promoção de fatores protetores, minimizando assim os efeitos e os impactos da violência ou crime nas pessoas e na sociedade (APAV, 2020a).

Também a nível legislativo, pode-se observar uma Lei com bases na prevenção da violência e na proteção e assistência às vítimas (Lei nº112/2009 de 16 de setembro).

A prevenção nesta temática, segundo Hage (2000), pode ser trabalhada de forma mais alargada, de carácter mais vasto, passando pelo desenvolvimento de políticas governamentais, comunitárias e institucionais, estimulando assim as relações de género e a cooperação entre estes, promovendo também a autonomia e a resiliência dos intervenientes, bem como a resolução de conflitos eficaz através de formas não violentas.

Matos *et al.* (2006) refere que a prevenção da Violência no Namoro pode assumir diferentes dimensões:

- *Prevenção primária*: através do trabalho com indivíduos que não tenham historial de violência nas suas redes de suporte ou relações, promovendo o uso de boas atitudes e de não violência;
- *Prevenção secundária*: através do trabalho com indivíduos com risco elevado de se tornarem agressores ou vítimas na intimidade devido à sua história de vida;

- *Prevenção terciária*: através da intervenção com vítimas e agressores d violência no namoro, de modo a minimizar o impacto da violência na vítima e a interromper o uso de comportamentos violentos por parte do agressor.

Saavedra (2010) também defende a ideia anterior, referindo de forma mais resumida que a *prevenção primária* trata-se de uma intervenção pré aparecimento das primeiras situações de violência, de modo a prevenir o aparecimento destes; a *prevenção secundária* trata-se de uma intervenção com vista a tratar o problema já inserido na relação o mais precoce possível, de forma a pôr fim à violência; e, por fim, a *prevenção terciária*, refere-se a uma intervenção que pretende evitar recaídas, prevenindo a frequência e a severidade dos danos causados pela violência.

A mesma autora refere que a prevenção deve ter em conta a população a quem se destina, podendo designar-se de *prevenção universal*, se dirigida à população em geral, independentemente do risco; de *prevenção seletiva*, se dirigida a grupos de indivíduos em risco superior ao da população em geral; e de *prevenção indicada*, quando dirigida a grupos de alto risco.

Por conseguinte, o Serviço Social apresenta um papel importante na implementação e na execução de projetos preventivos, com o objetivo de mostrar aos jovens a gravidade da violência e do seu uso nas relações de intimidade. Esta prevenção tem vindo a ser realizada por meio de ações de esclarecimento, palestras que visam também diminuir junto desta população, a probabilidade de virem a representar papéis de agressores ou vítimas no futuro (Jaffe et al., 1992).

Quando se trata do campo de intervenção na violência no namoro junto da população juvenil, há uma panóplia de meios e formas de intervir. No entanto, para que a intervenção seja mais complexa e específica é importante que o Assistente Social integre uma equipa multidisciplinar. Desse modo, o caminho da intervenção social passa pela realização de ações, com a cooperação das autoridades locais, que permita estabelecer compromissos em prol de uma vida saudável dos jovens com quem se intervém, bem como das suas famílias, trabalhando assim as tensões e conflitos que surgem em consequência das situações de Violência no Namoro e na valorização da vida e dignidade humana (Branco & Portas, 1999).

Como referido, por norma, o Serviço Social não atua sozinho, fazendo sempre parte de uma equipa multidisciplinar dinâmica, normalmente composta por um profissional da área social, que aciona os meios necessários para garantir as respostas a nível de apoio social; por

um profissional da área da psicologia que vai procurar garantir a estabilidade emocional da vítima ou do agressor quando tal é possível; e por um profissional da área jurídica que vai aplicar a legislação no âmbito da violência e garantir que todos os recursos disponíveis sejam aplicados no caso em questão (Rodrigo, Chaves & Quintana, 2010; Santos, 2015).

Sendo a violência no namoro junto dos adolescentes em idades escolares o foco principal desta dissertação, torna-se importante a referência ao papel do Assistente Social em Contexto escolar. Assim, num artigo de opinião, Marta Rita (2014), Assistente Social em Contexto Escolar, mostrou que a presença do Assistente Social é imprescindível nas escolas, uma vez que a sua formação o habilita para a compreensão das grandes mudanças e problemas sociais contemporâneas, bem como o reflexo destes nas famílias e na sociedade em geral.

Infelizmente a mesma refere que apesar de as escolas terem um gabinete de Ação Social, onde existe normalmente a presença de um Assistente Social que dá resposta aos problemas sociais familiares, normalmente financeiros, a presença destes profissionais encontra-se aquém do esperado, uma vez que apenas as escolas onde existem maiores percentagens de abandono e absentismo escolar e indisciplina contam com a sua presença através do programa TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), não havendo um gabinete de apoio específico direcionado à resolução de outros conflitos de igual importância.

No entanto, Marta Rita faz referência aos papéis relevantes que os Assistentes Sociais têm e à sua capacidade de compreensão dos problemas sociais que o habilitam a fazer uma melhor e eficaz análise social das situações de risco e de dar resposta às mesmas, ressaltando que é imprescindível o trabalho em equipa multidisciplinar.

Esta vem também, mais uma vez, ressaltar que, com as populações mais jovens e em contexto escolar, o Serviço Social tem um papel importantíssimo no que diz respeito à implementação de ações de sensibilização e prevenção, bem como o acompanhamento social individualizado e a capacitação dos demais agentes educativos para uma melhor e eficaz intervenção deste público-alvo.

Apesar de a mesma não fazer referência à Violência no Namoro no seu artigo, este não deixa de ser um problema social que merece toda a atenção por parte dos agentes educativos e em específico dos Assistentes Sociais, uma vez que estes são capacitados para intervir em qualquer situação de conflito, dando ferramentas para a sua resolução ou encaminhando para os organismos específicos de apoio nestes casos.

Num estudo realizado por Santos (2015) com 5 profissionais que intervêm em situações de violência no namoro, esta constatou que, segundo a opinião destes profissionais, a

intervenção junto de jovens em idade escolar deve passar pela extensão e ampliação de projetos nas escolas e associações de forma a capacitá-los para a resolução de problemas nas suas relações íntimas de forma não violenta, provendo assim uma cultura não violenta também.

Esses mesmos profissionais, referem que uma das estratégias fundamentais para a prevenção deste tipo de violência passa por introduzir nos jovens uma consciência sobre o que são relações saudáveis, evidenciando a caracterização dessas mesmas relações. Esta pode ser feita através de ações de sensibilização, de palestras, debates, através da colocação de cartazes ou até da criação de um gabinete de apoio em cada escola. Na impossibilidade da realização desta última opção, deverá capacitar-se mais os profissionais de modo a poderem intervir junto desta população mais frágil.

Capítulo III – Metodologia

3.1. Objeto de estudo e a sua justificação

A problemática é, segundo Quivy & Campenhoudt (1996), uma abordagem ou perspectiva teórica que se adota para se tratar e investigar um problema formulado pela pergunta de partida. Neste sentido, o problema social escolhido pela mesma terá sido a violência no namoro em jovens adolescentes.

A escolha desta população deve-se ao facto de, tal como refere Braconnierr & Marcelli (2000), a adolescência é um período crucial para a formação do carácter e identidade destes, traçando características de identificação e diferenciação do outro e apesar deste carácter participar na definição e na identificação do adolescente, não deve de todo servir como desculpa para justificar comportamentos menos corretos.

O facto de não ser conhecido qualquer tipo de investigação nesta área especifica em Tomar, tornou relevante a aplicação da investigação junto de alguns dos adolescentes do concelho, com a finalidade de conhecer a realidade destes jovens (nomeadamente em termos das suas relações familiares e de namoro) e perceber o tipo de atitudes face às suas relações de namoro.

Por outro lado, este tema também é pertinente no que diz respeito à prevenção destes comportamentos abusivos e ao encorajamento das vítimas no momento em que devem fazer denúncia, uma vez que com este estudo será possível perceber se no contexto em questão é necessário ou não outro tipo de vigilância e prevenção, quer pelos encarregados de educação, quer pelos professores, auxiliares e técnicos de intervenção direta, de modo a minimizar, caso existam, comportamentos deste e levar estes jovens para um caminho contrário ao da violência.

Os resultados desta investigação poderão também servir de base para que os profissionais que trabalham diretamente com os jovens, formalizar mecanismos de prevenção e minimização da violência junto dos mesmos.

3.2. Objetivos da Investigação e Pergunta de Partida

3.2.1. Objetivo Geral

Os objetivos da investigação descrevem as grandes orientações para as ações a realizar e devem estar em consonância com as finalidades do projeto, assumindo-se então como objetivos gerais da Investigação (Guerra, 2002).

Nesse sentido, o **objetivo geral** do estudo consistiu em perceber sobre a existência, ou não, de situações de violência nas relações amorosas dos jovens adolescentes e que formas esta assume.

3.2.2. Objetivos Específicos

Para além do objetivo(s) geral(ais) a investigação deve responder também a objetivos específicos que exprimem os resultados que se deseja atingir de forma mais pormenorizada. (Guerra, 2002)

Dessa forma, os objetivos específicos do estudo passam por:

1. Caracterizar os diferentes tipos de relações de namoro e a prevalência de situações de violência nestas relações;
2. Conhecer as perceções dos jovens sobre a violência no namoro e suas atitudes de legitimação da violência;
3. Perceber qual a relação entre os comportamentos violentos e a sua vida familiar e social;
4. Perceber, até que ponto, a naturalização e a banalização da violência está presente nas relações amorosas dos adolescentes.
5. Identificar formas e estratégias de minimizar a violência no namoro.

3.2.3. Pergunta de Partida

Delineados o objetivo geral e os objetivos específicos e tendo estes por base é possível a estruturação da Pergunta de Partida.

Assim, a pergunta de partida para esta investigação foi traduzida nos seguintes termos:

De que forma a violência se encontra presente nas relações amorosas dos adolescentes?

3.3. Hipóteses

Punch (1998, cit. Coutinho, 2015) refere que as hipóteses são uma previsão de resposta para o problema da investigação, ou seja, são respostas provisórias para a pergunta de partida. Dessa forma, no final desta investigação ser-me-á possível confirmar ou refutar as hipóteses colocadas e descritas de seguida, estas hipóteses serão como uma previsão de explicação do fenómeno, neste caso a violência no namoro entre adolescentes, tal como referido anteriormente.

As hipóteses colocadas são:

1ª. A prática da violência está presente nas relações de namoro e intimidade destes jovens.

2ª. Pese embora a presença da violência nas relações de namoro, os jovens tendem a considerar a sua prática como algo negativo.

3ª. As experiências familiares e sociais têm impacto na prática da violência entre os jovens.

4ª. Os jovens consideram que a prevenção e o acompanhamento especializado são uma mais-valia para a resolução da violência no namoro nas relações de adolescentes.

3.4. Metodologia de investigação

Segundo Fialho, Silva & Saragoça (2015), uma investigação científica é um processo sistemático que implica uma recolha de dados, tendo por base um plano previamente definido. Este tipo de investigação implica uma organização específica em que se coloque todos os detalhes do estudo e também um processo objetivo que não tem de se centrar para além das impressões de carácter subjetivo, mas sim em factos que se possam ser sujeitos a avaliação.

A investigação social não é diferente, uma vez que também ela consiste numa ação de natureza cognitiva que passa por um processo sistemático e flexível que irá contribuir para a explicação e compreensão dos fenómenos sociais de interesse dos investigadores. É através desta que se reflete e problematizam os problemas nascidos no quotidiano das sociedades, que se suscita o debate e se constroem novas ideias inovadoras de resolução desses problemas (Coutinho, 2013).

Numa primeira fase é importante distinguir paradigma e metodologia uma vez que não são a mesma coisa.

Para ser mais claro, segundo Bisquerra (1989) citado in Coutinho (2015) e Latorre *et al.* (1996), os paradigmas de investigação não são mais que esquemas didáticos e teóricos que agrupam os cientistas/investigadores que utilizam uma dada prática de investigação, partilhando entre eles valores, crenças, normas, linguagens e metas. Este é, portanto, um sistema de princípios, crenças e valores que orientam a metodologia.

Assim sendo, a metodologia é chamada de plano de ação ou processo que analisa e descreve os métodos, ou seja, que analisa e descreve o conjunto de técnicas para prosseguir a investigação (Coutinho, 2015).

Nesse sentido a metodologia escolhida para a realização da investigação foi a metodologia quantitativa. Segundo Reichardt & Cook (1986) citado por Carmo & Ferreira (2008), este tipo de metodologia procura as causas dos fenómenos sociais, sem prestar muita atenção aos aspetos mais subjetivos dos indivíduos. É, portanto, mais objetiva direcionando-se para a generalidade dos fenómenos a estudar como forma de comprovação.

A investigação quantitativa parte do princípio de que é possível quantificar um determinado fenómeno. Outra das principais características é, tal como refere Casarin (2012), a objetividade, pois utiliza modelos matemáticos e estatísticos para a análise dos resultados experimentais que poderão ser obtidos através de ensaios de laboratório, questionário ou entrevista que inclua variáveis quantificáveis.

3.5. Técnicas de Investigação

No caso da presente investigação, optou-se pela utilização da técnica do inquérito por questionário, na medida se tratar, como refere Carmo & Ferreira (2008), de um processo de recolha sistematizada, no terreno, de dados suscetíveis de poderem ser comparados, e que consiste em:

[...] colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas [...] sobre qualquer ponto que interesse os investigadores. [...] Este visa a verificação de hipóteses teóricas e a análise de correlações que essas hipóteses sugerem. Por isso, estes inquéritos são muito mais elaborados e consistentes (Quivy & Campenhoudt, 1996:188).

Para a concretização deste estudo foi realizado um questionário estruturado com base no CADRI-P – Inventário de Conflitos nas relações de Namoro entre Adolescentes de De Wolfe *et al.* (2001), adaptado para a população portuguesa por Lucas, Pinheiro, & Simões (2013) e na EAVN - Escala de atitudes acerca de Violência no Namoro de Byers Price (1999), adaptada para português por Saavedra, Machado & Martins (2008).

O CADRI-P é um instrumento de autorrelato composto por 70 itens, dispostos por 2 escalas de estratégias negativas e positivas de resolução de conflitos, bidirecionais (agressor e vítima) que se foca na avaliação da manifestação de comportamentos violentos durante um relacionamento íntimo e que identifica, igualmente, a presença de comportamentos não violentos.

O EAVN é também um instrumento de autorrelato, composto por 76 itens, organizados em 3 subescalas de atitudes face à violência masculina e outras 3 face à violência feminina que

possibilitam medir atitudes dos sujeitos relativamente aos diferentes tipos de violência (física, psicológica e sexual).

A partir destes dois instrumentos foi contruído então o questionário que foi aplicado aos alunos que integraram a amostra da presente investigação (constante no Anexo I), composto por um total de 66 perguntas divididas em 5 categorias de análise, dispostas por 4 partes.

Na Parte I, podem-se encontrar 5 questões relativas a dados sociodemográficos da amostra, 13 questões sobre as relações amorosas dos alunos, com a finalidade de perceber o seu historial amoroso e, por fim, 4 questões sobre o ambiente familiar.

Na Parte II, foram colocadas aos alunos 22 questões de escolha múltipla, analisadas através de uma Escala de Likert de 4 níveis. Estas questões estão baseadas no CADRI-P e pretendem perceber quais as atitudes e comportamentos tidos durante uma discussão ou conflito.

Na Parte III do questionário estão presentes 21 questões também de escolha de múltipla, avaliadas mais uma vez através de uma Escala de Likert composta por 5 níveis. Estas direcionam-se para os comportamentos que os jovens consideram aceitáveis numa relação, tendo sido baseadas no EAVN e adaptadas também face aos novos tipos de violências mencionados anteriormente.

Por fim, na última parte do questionário (Parte IV), encontra-se uma questão aberta sobre a opinião dos alunos sobre como seria possível minimizar a violência no namoro e como poderiam contribuir para tal, juntamente com a comunidade escolar. Esta questão foi formulada com o propósito de responder ao 5º Objetivo Específico delineado, ou seja, identificar formas e estratégias de minimizar a violência no namoro, segundo as perspetivas dos jovens inquiridos.

Posteriormente, para o tratamento dos dados recolhidos, foi utilizado, o programa de análise estatista IBM SPSS (Statistical Package for the Social Sciences 22), uma vez que se mostra ser o mais rápido programa de análise de dados estatísticos. Através deste programa foi realizada uma análise descritiva através de análise de frequências, medidas de tendência central e medidas de dispersão. Para além dessa análise descritiva foram realizadas ainda algumas correlações através do Teste de Spearman.

Dessas correlações foram analisados os níveis de significância apurados e nos casos dos níveis de significância inferiores a 0.05 analisaram-se os níveis de correlação entre variáveis com valores entre -1 e 1, sendo que quanto mais próximo de 1 mais forte é a correlação.

As correlações podem-se dividir em 3 níveis de intensidade, sendo que as correlações fracas encontram-se entre os valores 0 e 0.399, as correlações moderadas entre 0.4 e 0.699 e as correlações fortes entre os valores 0.7 e 1.

3.6. População em estudo / Participantes

Segundo Quivy & Campenhoudt (1996), população é o conjunto de elementos, com características idênticas que fazem parte do conjunto de indivíduos ou organizações pertencentes ao conjunto considerado indicado para o estudo que se pretende realizar.

Nesse sentido a população alvo seriam todos os alunos da Escola Secundária Jácome Ratton. No entanto, como o objetivo do presente estudo é perceber qual a legitimação da violência nas relações amorosas entre adolescentes, a amostra escolhida são os alunos dos 10^{os}, 11^{os} e 12^{os} anos, uma vez que, segundo a literatura, são nestas idades que começam a surgir as relações amorosas devido a todas as alterações biológicas, psicológicas e afetivas que levam à aproximação dos pares e ao início das suas relações pessoais (Saavedra, 2010).

A escolha desta escola deve-se ao facto de ter sido a escola em que finalizei o secundário e onde me foram abertas as portas sem quaisquer constrangimentos. Além disso, também se encontra na minha área de residência, o que facilitou em muito o processo de aplicação recolha dos dados.

A Escola Secundária Jácome Ratton pertence ao Agrupamento de Escolas dos Templários de Tomar, sediada no centro da cidade. Esta integra o Ensino Público Português e tal como o nome indica é uma escola secundária. Oferece não só o ensino regular do 7^o ao 12^o ano, mas também uma panóplia de cursos profissionais. Além destas ofertas, esta escola também integra o Centro Qualifica que visa dar continuidade ao percurso educativo, formativo e qualificativo de todos/as, através da realização de processos RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências), realizando o reconhecimento das competências adquiridas por candidatos/as maiores de 18 anos para a obtenção de uma certificação escolar, ou profissional ou dupla certificação (podendo obter certificado do 4^o, 6^o, 9^o ou 12^o ano).

Desta escola, foi selecionada uma amostra de 156 alunos, num universo de 737 alunos, pertencentes a 6 turmas do ensino secundário da Escola Secundária Jácome Ratton do Agrupamento de Escolas dos Templários, sediada na cidade de Tomar, distrito de Santarém, Portugal. Dos 156 alunos apenas 149 estiveram presentes na aplicação do instrumento, dos quais foram excluídos, após a validação dos dados, mais 3 alunos devido à possibilidade de

enviesamento dos resultados, uma vez que os seus questionários foram respondidos de forma incoerente. Esta amostra foi selecionada aleatoriamente, através de uma amostragem não probabilística e sem prévios conhecimentos dos indivíduos.

Este tipo de amostragem é utilizado quando se usam grupos de indivíduos já constituídos, com características idênticas entre si, neste caso, as diversas turmas selecionadas, em que se pretende estudar uma determinada característica (Coutinho, 2015).

O instrumento foi aplicado em junho de 2020 e devido aos condicionalismos resultantes da situação pandémica a administração direta dos inquéritos por questionário junto dos alunos não foi possível, tendo, em alternativa, sido aplicados pelos diretores de turma das seis turmas selecionadas, após serem impressos os exemplares e entregues pela aluna ao Coordenador dos Diretores de Turma, que distribuiu pelos colegas afim da aplicação junto das turmas.

Antes da aplicação do instrumento foi pedida junto da DGE (Direção de Geral de Ensino) autorização para a realização da investigação através do preenchimento de um formulário próprio. Após concedida essa autorização superior, foram escolhidas, como referido, de forma aleatória as turmas a aplicar o instrumento e enviado para os encarregados de educação dos alunos o consentimento informado através de e-mail (conforme declaração constante em Anexo I), pedindo apenas que retornassem as autorizações daqueles que não autorizavam a participação dos seus educandos, não havendo qualquer registo de oposição por parte das famílias quanto á participação dos seus educandos.

Apesar de o consentimento informado requerer a autorização por parte dos encarregados de educação para a participação dos alunos na investigação, optou-se, por indicação da coordenadora dos Diretores de turma, por apenas, como referido anteriormente, recolher as assinaturas dos que não autorizavam, pois o facto de os alunos se encontrarem em ensino à distância no momento da recolha das autorizações, poderia dificultar a assinatura das mesmas e enviar mais uma vez o estudo, tornando-se assim mais fácil e eficaz a recolha dos dados para a investigação.

Capítulo IV – Trabalho Empírico

4.1. Análise dos Resultados

4.1.1. Análise Parte I - Caracterização Sociodemográfica

Como foi já referido no capítulo metodológico (ponto 3.6), inicialmente a amostra era composta por 156 alunos, dos quais apenas 149 estiveram presentes aquando da aplicação do instrumento, tendo por essa razão sido excluídos do presente estudo. Após a validação dos dados, mais 3 alunos foram excluídos devido à possibilidade de enviesamento dos resultados, uma vez que os seus questionários revelaram diversas incoerências e respostas contraditórias.

Tomando por base os 146 inquéritos aplicados e validados, verificou-se que a amostra é composta por 80 alunos do sexo masculino (54.8%) e 60 alunos do sexo feminino (45.2%), com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, sendo a média de idades de 16.25 anos e um desvio-padrão de 1.15 anos. Quanto ao grau de ensino, trata-se de alunos do ensino secundário, distribuídos do seguinte modo: 33.6% encontram-se a frequentar o 10º ano de escolaridade, 34.9% o 11º ano e 31.5% o 12º ano, embora o 11º ano seja o ano mais frequente (moda).

Tabela 1 - Características sociodemográficas da amostra (n=146)

		N	%	Descritivas
Sexo	Masculino	80	54.8	Mo = Masculino
	Feminino	66	45.2	
Idade	14	7	4.8	M = 16.25 D.P = 1.150 Mínimo = 14 Máximo = 20
	15	34	23.3	
	16	43	29.5	
	17	42	28.8	
	18	18	12.3	
	19	1	0.7	
	20	1	0.7	
Ano de escolaridade	10	49	33.6	Mo = 11º ano
	11	51	34.9	
	12	46	31.5	

Relativamente à profissão do pai, 19.2% dos pais dos alunos inquiridos são trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies, constituindo-se esta categoria como a moda das profissões, e em segundo lugar constam os pais que são operadores de instalações, máquinas e trabalhadores de montagem (18.5%). No entanto, apesar de pequena, 3.4% dos alunos referem que o seu progenitor masculino faleceu e 1.4% está desempregado. Nesta categoria, houve uma taxa de não resposta de 6.2% de alunos, que preferiram não responder a esta questão.

Por outro lado, no que concerne à profissão da mãe, a moda está nas trabalhadoras dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores, com uma percentagem de 28.1% e em segundo lugar encontram-se as trabalhadoras não qualificadas, com uma percentagem de 13.7%. Nesta categoria, as mães superam os pais na percentagem de desempregados, com uma percentagem de 5.5%. Apenas 1 aluno (0.7%) referiu que era órfão de mãe e 11 alunos (7.5%) não responderam à questão.

Tabela 2 – Profissão dos pais

Profissão do Pai				Profissão da mãe			
	<i>n</i>	%	Descritivas		<i>N</i>	%	Descritivas
Profissões das Forças Armadas	4	2.7	<i>Mo</i> = Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	Profissões das Forças armadas	0	0	<i>Mo</i> = Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Proteção e Segurança e Vendedores
Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos executivos, Dirigentes, Diretores e Gestores Executivos	10	6.8		Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos executivos, Dirigentes, Diretores e Gestores Executivos	4	2.7	
Especialistas das atividades intelectuais e Científicas	16	11.0		Especialistas das atividades intelectuais e Científicas	22	15.1	
Técnicos e Profissões de Nível Intermédio	8	5.5		Técnicos e Profissões de Nível Intermédio	4	2.7	
Pessoal Administrativo	5	3.4		Pessoal Administrativo	19	13.0	
Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Proteção e Segurança e Vendedores	19	13.0		Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Proteção e Segurança e Vendedores	41	28.1	
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta	7	4.8		Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta	6	4.1	
Trabalhadores Qualificados da indústria, construção e artífices	28	19.2		Trabalhadores Qualificados da indústria, construção e artífices	8	5.5	
Operadores de instalações e máquinas e Trabalhadores de montagem	27	18.5		Operadores de instalações e máquinas e Trabalhadores de montagem	0	0	
Trabalhadores não qualificados	3	2.1		Trabalhadores não qualificados	20	13.7	
Reformado	2	1.4		Reformado	2	1.4	
Não Sabe	1	0.7		Não sabe	0	0	
Não Respondeu	9	6.2		Não Respondeu	11	7.5	
Falecido	5	3.4		Falecido	1	0.7	
Desempregado	2	1.4		Desempregado	8	5.5	

4.1.2. Análise Parte I - Caracterização da Relação de Namoro

No que se refere às questões mais específicas relacionadas com as relações amorosas dos jovens da amostra, consta-se que no momento da aplicação do instrumento 23.3% dos

alunos nunca tinham namorado, 50.7% já haviam namorado, mas no momento não estavam numa relação, e apenas 26% dos alunos encontravam-se, no momento, numa relação amorosa.

Tabela 3 – Estado do relacionamento

	<i>N</i>	%	Descritivas
Nunca tive namorado	34	23,3	<i>Mo</i> = Tive namorado, mas agora não tenho
Tive namorado, mas agora não tenho	74	50,7	
Tenho namorado	38	26,0	

Numa segunda fase de análise, foram selecionados os alunos que já tinham namorado e que tiveram namorado/a, mas no momento não tinham, uma vez que as questões seguintes estavam diretamente relacionadas com as suas relações amorosas, passando a amostra a ser composta por 112 alunos.

A primeira questão desta categoria questionava os alunos sobre a idade de início das suas relações amorosas. Apesar de 6.3% dos alunos não terem respondido à questão, constatou-se que a média de idades era de 12.67 anos e que a maioria dos alunos (43.8%) iniciou as suas relações amorosas entre os 14 e os 16 anos de idade.

No entanto, fazendo a relação entre a variável “idade com que começou a namorar” e a variável “sexo” (Apêndice 1) pode-se verificar que enquanto a maioria das raparigas iniciou as suas relações amorosas em idades entre os 14 e os 16 anos, a maioria dos rapazes iniciou mais cedo, entre os 11 e os 13 anos.

Tabela 4 – Idade com que começou a namorar

	<i>n</i>	%	Descritivas
Não respondeu	7	6.3	<i>M</i> = 12,67 anos <i>D.P.</i> = 3.373
Antes dos 10 anos	7	4.5	
Dos 11 aos 13 anos	45	40.2	
Dos 14 aos 16 anos	49	43.8	
17 anos ou mais	4	3.6	

Infelizmente, devido à falta de clareza na questão, não foi possível recolher a informação exata sobre o tempo de duração das relações amorosas dos alunos e retirar qual a média de duração das relações, bem como a sua dispersão, no entanto pode-se constatar que a maioria das relações destes jovens duraram apenas alguns meses (47.3%) e que 21 dos alunos não responderam à questão. No entanto, é possível perceber pelos dados recolhidos que as relações amorosas deste grupo de adolescentes são, tendencialmente, de longa duração, uma vez que, apesar de ser mais baixa, a percentagem de relações que duraram anos é igualmente elevada, correspondendo a 30.4% das situações.

Tabela 5 – Tempo de relacionamento

	N	%	Descritivas
Não respondeu	21	18.8	Mo = Meses
Dias	4	3.6	
Meses	53	47.3	
Anos	34	30.4	

De seguida foram questionados sobre algumas atitudes e formas de estar numa relação (tabela 6) da qual constam questões sobre a presença de discussões, sobre a segurança, ciúme e controlo da relação.

À questão “Alguma vez sentiste que não tinhas controlo na relação?”, 18.8% dos alunos responderam que não tinham controlo na sua relação, enquanto 75.9% responderam o contrário. Por outro lado, no que diz respeito à segurança na relação, apenas 3.6% dos alunos referiram que o parceiro não o faz sentir seguro e 11.6% não responderam à questão.

Tabela 6 – Segurança na relação

	Sim		Não		Não respondeu		Descritivas
	N	%	n	%	n	%	
Alguma vez sentiste que não tinhas controlo na relação?	21	18.8	85	75.9	6	5.4	Mo = Não
O/A teu/tua namorado/namorada faz-te sentir seguro/a?	95	84.8	4	3.6	13	11.6	Mo = Sim

Relativamente à questão do ciúme na relação, foi possível perceber que os valores recolhidos são preocupantes, com 46.4% dos alunos a referir que o seu parceiro tem ciúmes de si e 41.1% que referem que também têm ciúmes do parceiro. No entanto, é de notar que, por outro lado, 48.2% dos jovens referem que não têm ciúmes do/a namorado/a.

Tabela 7 – Ciúmes na relação

	Sim		Não		Não respondeu		Descritivas
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
O/A teu/tua namorado/a tem ciúmes de ti?	52	46.4	45	40.2	15	13.4	<i>Mo</i> = sim
Tens ciúmes do/a teu/tua namorada/o?	46	41.1	54	48.2	12	10.7	<i>Mo</i> = não

No que diz respeito à questão direcionada às discussões entre o casal, 76.8% dos jovens referem que não existem discussões frequentes na relação, no entanto 12.5% referem que discutem muitas vezes. Os restantes 10.7% optaram por não responder à questão.

Tabela 8 – Discussões na relação

	Sim		Não		Não respondeu		Descritivas
	<i>n</i>	%	<i>N</i>	%	<i>n</i>	%	
Discutem muitas vezes?	14	12.5	86	76.8	12	10.7	<i>Mo</i> = não

Quando questionados sobre se gostavam de sair com os seus parceiros e seus amigos e se saíam com os amigos sem o/a namorado/a acompanhar, a maioria respondeu que sim, havendo apenas um valor mínimo de alunos que responderam que não a ambas as questões, 4.5% e 2.7%, respetivamente. Isto poderá significar que os jovens são independentes do parceiro e que partilham o mesmo grupo de amigos, mostrando também respeito pelo espaço do outro.

Tabela 9 – Relacionamento sociais e relação

	Sim		Não		Não respondeu		Descritivas
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>n</i>	%	
Gostas de sair com o/a teu/tua namorado/a e os/as amigos/as dele/a?	94	83.9	5	4.5	13	11.6	<i>Mo</i> = sim

Sais com os/as teus/tuas amigos/as sem o/a teu/tua namorado/a te acompanhar?	98	87.5	3	2.7	11	9.8	<i>Mo = sim</i>
--	----	------	---	-----	----	-----	-----------------

4.1.3. Análise Parte I - Caracterização da Relação Familiar

Por fim, neste bloco de questões sobre a relação, os alunos foram questionados sobre as opiniões dos seus pais em relação ao seu parceiro e vice-versa. À questão “O/A teu/tua namorado/a gosta dos teus pais?”, a maioria respondeu que sim (75%) e à questão “Os teus pais gostam do/a teu/tua namorado/a?” a maioria também respondeu que sim (66.1%). No entanto, houve uma abstenção de 23.2% e 27.7% respetivamente, que poderá significar que tanto os pais como os parceiros poderão não conhecer-se, o que leva os alunos a não ter resposta para as questões.

Tabela 10 – Relacionamentos familiares e relação

	Sim		Não		Não respondeu		Descritivas
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
O/A teu/tua namorado/a gosta dos teus pais?	84	75.0	2	1.8	26	23.2	<i>Mo = sim</i>
Os teus pais gostam do/a teu/tua namorado/a?	74	66.1	7	6.3	31	27.7	<i>Mo = sim</i>

Antes de responderem a uma série de questões sobre comportamentos e atitudes aceitáveis numa relação amorosa, os 146 alunos foram questionados sobre o seu meio familiar e o ambiente do mesmo. Porém, devido ao facto de na construção do questionário não ter sido colocada uma separação de categorias no conjunto das questões, houve falha no preenchimento destas questões, havendo uma percentagem considerável de alunos que não responderam às questões, tal como pode ser notado na tabela seguinte.

Tabela 11 – Relação Familiar

	<i>N</i>	%	Descritivas
Os teus pais têm uma boa relação?			
Sim	89	61	<i>Mo = sim</i>
Não	18	12.3	
Não respondeu	39	26.7	
Como é o teu ambiente em casa?			
Calmo	68	46.6	<i>Mo = Calmo</i>
Às vezes há discussões	47	32.2	
Há muitas discussões	3	2.1	
Não respondeu	28	20.5	

Alguma vez, que te lembres, existiram situações de violência na tua família?	Sim	22	15.1	<i>Mo = não</i>
	Não	94	64.4	
	Não respondeu	30	20.5	
Se sim, com que frequência?	Raramente	15	10.3	/
	Frequentemente	6	4.1	
	Todos os dias	1	0.7	
	Não respondeu	30	20.5	
	Não aplicável	94	64.4	

Pese embora esta lacuna, a análise dos dados obtidos mostra que a maioria dos alunos têm um ambiente calmo em casa (46.6%) e os seus pais mantêm uma boa relação (61%). No entanto, 32.2% dos alunos referem que às vezes há discussões e 15.1% dos alunos referem que já assistiram a situações de violência na família. Desses 15.1% que assistiram a situações de violência na família, apenas 4.1% referem ser situações frequentes e 0.7% referem que as situações de violência acontecem todos os dias.

4.1.4. Análise Parte II – baseado no CADRI

Seguidamente, foi colocado um leque de questões específicas sobre as atitudes que têm ou já tiveram para com o seu parceiro/a e vice-versa. O objetivo destas questões era perceber nas suas respostas o tipo de atitudes existentes dentro da relação, a percentagem de alunos que praticaram e sofreram de algum tipo de violência por parte do seu parceiro e qual a regularidade dos atos violentos.

Para uma análise mais fácil dos resultados, foram divididas as questões por três subcategorias: as questões sobre atitudes de violência física e sexual, as questões sobre atitudes de violência psicológica e verbal e, por fim, as questões sobre atitudes de violência social.

Pode-se constatar assim, que a violência física não é das mais frequentes entre os jovens. No entanto, 3.6% dos alunos admite que já foi tocado sexualmente contra vontade entre 1 a 2 vezes, 1.8% dos alunos já sofreu agressão física pelo parceiro também entre 1 e 2 vezes e, por fim, 6.3% dos alunos refere que já foi beijado 1 ou 2 vezes pelo parceiro contra sua vontade, havendo ainda 0.9% que afirmou já ter sido beijado pelo parceiro contra vontade entre 3 a 5 vezes.

Por outro lado, também com percentagens reduzidas, temos 2.7% dos alunos que admitem ter tocado sexualmente no seu parceiro 1 ou 2 vezes, 0.9% utilizaram a agressão física 1 ou 2 vezes no relacionamento e, no que diz respeito ao beijar o outro sem o seu consentimento,

6.3% fizeram-no 1 ou 2 vezes e 0.9% fê-lo entre 3 e 5 vezes.

Tabela 12 – Práticas de violência na relação (Violência física e sexual)

Durante uma discussão ou um conflito com o meu(minha) namorado(a):	Nunca		Raramente (1 a 2 vezes)		Às vezes (3 a 5 vezes)		Frequentemente (mais de 6 vezes)		Não respondeu		Descritivas
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
1. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).	108	96.4	3	2.7	0	0	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = nunca
1.1. Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.	107	95.5	4	3.6	0	0	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = nunca
3. Eu agredi-o(a) fisicamente.	110	98.2	1	0.9	0	0	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = nunca
3.1. Ele(a) agrediu-me fisicamente	109	97.3	2	1.8	0	0	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = nunca
6. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.	103	92.0	7	6.3	1	0.9	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = nunca
6.1 Ele(a) beijou-me quando eu não queria.	103	92.0	7	6.3	1	0.9	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = nunca

As atitudes e comportamentos considerados violentos a nível psicológico e verbal são dos mais utilizados nesta amostra estudada. Atitudes como o ciúme, uso de tom agressivo e mau, insultos humilhantes, acusações de infidelidade e ameaças de termino de namoro por proibição de mexer no telemóvel próprio, são utilizados por alguns dos jovens.

Analisando os dados, podemos constatar que durante uma discussão ou conflito entre o casal, 35.7% dos jovens já provocou ciúmes de propósito ao seu companheiro e 36.6% já foi vítima do mesmo episódio por parte do outro.

Também um dado interessante é o uso do tom de voz agressivo e mau durante uma discussão, sendo que 25.9% dos alunos admitem ter usado alguma vez esse mesmo tom, enquanto 30.3% refere que já foi vítima da mesma atitude.

Seguidamente, a terceira atitude violenta desta categoria mais utilizada é as acusações de infidelidade do namorado/a pelo outro durante uma discussão. A nível de percentagem, 17.9% admite que acusou o seu parceiro entre 1 a 2 vezes, 0,9% teve a mesma atitudes entre 3 a 5 vezes e também 0,9% refere tê-lo feito mais de 6 vezes. Por outro lado, com percentagens idênticas, 15.2% dos alunos refere já ter sido vítima desta acusação por parte do outro 1 ou 2 vezes, 3,6% refere ter sofrido do mesmo ato entre 3 e 5 vezes e 0,9% refere ter sido vítima desta atitude frequentemente, ou seja, 6 vezes ou mais.

As atitudes violentas menos usadas são as ameaças de término da relação por proibição de acesso ao telemóvel do outro e o uso de insultos humilhantes. No entanto, pode-se, mais uma vez, somando os valores apurados, verificar que esta atitude já foi perpetuada por um dos parceiros 6.3% e 10.1%, respetivamente, e vitimizada por 1.8% e 6.2%, também respetivamente.

Tabela 13 – Práticas de violência na relação (Violência Psicológica e Verbal)

Durante uma discussão ou um conflito com o meu(minha) namorado(a):	Nunca		Raramente (1 a 2 vezes)		Às vezes (3 a 5 vezes)		Frequentemente (mais de 6 vezes)		Não respondeu		Descritivas
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>n</i>	%	
2. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.	70	62.5	36	32.1	4	3.6	1	0.9	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca
2.1. Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.	69	61.2	30	26.8	11	9.8	0	0	2	1.8	<i>Mo</i> = Nunca
4. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau.	81	72.3	3	20.5	6	5.4	0	0	2	1.8	<i>Mo</i> = Nunca
4.1 Ele(a) falou comigo com um tom de voz agressivo e mau.	76	67.9	30	26.8	4	3.5	0	0	2	1.8	<i>Mo</i> = Nunca
5. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.	104	92.9	6	5.4	1	0.9	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca
5.1 Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes	99	88.4	10	8.9	2	1.8	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca
9. Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.	89	79.5	20	17.9	1	0.9	1	0.9	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca
9.1. Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas.	87	77.7	17	15.2	4	3.6	1	0.9	3	2.7	<i>Mo</i> = Nunca
10. Eu ameacei terminar o namoro porque não me deixou ver o seu telemóvel.	109	97.3	2	1.8	0	0	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca
10.1. Ele(a) ameaçou terminar o namoro porque eu não o(a) deixei ver o meu telemóvel.	104	92.9	5	4.5	2	1.8	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca

Por fim, nesta secção sobre as atitudes e comportamentos, encontram-se aqueles que podem ser considerados violência social, como o controlo, a tentativa de colocar os amigos contra o seu parceiro e a difamação através de boatos.

Relativamente à questão relacionada com o controlo, 10.7% dos alunos refere que

raramente sofreu de controlo por parte do parceiro e 3.6% referente que também foi vítima desta atitude de 3 a 5 vezes. Por outro lado, 8% refere que controlou o seu parceiro a fim de saber onde e com quem estava 1 ou 2 vezes e 0.9% dos alunos refere que o fez entre 3 e 5 vezes.

A tentativa de colocar os/as amigos/as contra o/a namorado/a também é uma atitude de que, na totalidade, 7.2% dos alunos se queixa de ter sido vítima por parte do parceiro, contrariamente ao que referem aqueles que alguma vez perpetraram esta atitude, uma vez que apenas 2.7% dos alunos refere ter utilizado esta atitude para com o outro.

Por fim, o levantamento de falsos testemunhos e criação de boatos sobre o parceiro é algo também da qual alguns alunos foram vítima, sendo que 8% refere que o/a seu namorado/a criou boatos contra si 1 ou 2 vezes e 0.9% refere ter sofrido frequentemente. Por outro lado, e com uma percentagem mais baixa, apenas 1.8% dos alunos refere ter criado boatos contra o seu parceiro 1 ou 2 vezes.

Tabela 14 – Práticas de violência na relação (Violência Social)

Durante uma discussão ou um conflito com o meu(minha) namorado(a):	Nunca		Raramente (1 a 2 vezes)		Às vezes (3 a 5 vezes)		Frequentemente (mais de 6 vezes)		Não respondeu		Descritivas
	<i>n</i>	%	<i>N</i>	%	<i>n</i>	%	<i>N</i>	%	<i>n</i>	%	
7. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).	108	96.4	3	2.7	0	0	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca
7.1 Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.	103	92.0	6	5.4	1	0.9	1	0.9	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca
8. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.	101	90.2	9	8.0	1	0.9	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca
8.1 Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.	94	83.9	12	10.7	4	3.6	0	0	2	1.8	<i>Mo</i> = Nunca
11. Eu espalhei boatos contra ele(a).	109	97.3	2	1.8	0	0	0	0	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca
11.1. Ele(a) espalhou boatos contra mim.	101	90.2	9	8.0	0	0	1	0.9	1	0.9	<i>Mo</i> = Nunca

4.1.5. Análise Parte III – baseado no EAVN

Na parte III do questionário foi pedido aos alunos que dessem a sua opinião sobre uma série de atitudes e comportamentos tidos numa relação de namoro e que assinalassem, a partir de uma escala de Likert (em que 1- Discordo Totalmente, 2- Discordo, 3- Não Concordo Nem Discordo, 4- Concordo e 5- Concordo Totalmente) o seu grau de concordância face a cada uma das atitudes apresentadas.

À semelhança do realizado na secção anterior, também aqui foram divididas as questões pelas atitudes e comportamentos que se enquadrassem na Violência Física, Violência Psicológica e Social e Violência Sexual.

Analisando as respostas dadas pelos alunos face aos exemplos dados, é possível verificar que, na opinião da maioria dos alunos a agressão física não é legítima seja qual for o conflito no casal, no entanto, ainda existe, mesmo que em percentagem mínima, alunos que concordam ou concordam totalmente que esta deve ser utilizada quando há traição por parte do outro (2.1% e 1.4%), como desculpa para um ataque de ciúmes (11.0% e 6.2%), ou apenas por ter atitudes menos corretas para com o outro, segunda a sua opinião (1.4% e 1.4%).

Por outro lado, 138 alunos concordam ou concordam totalmente (24.7% e 69.9% respetivamente) que a vítima de violência deve acabar a relação se o outro lhe bater.

Tabela 15 – Atitude face à violência (Violência física)

	Discordo totalmente		Discordo		Não concordo nem discordo		Concordo		Concordo Totalmente		N/r		Descritivas
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
11. Um/a rapariga/rapaz deve acabar o namoro se o/a namorado/a lhe bater.	2	1.4	0	0	6	4.1	36	24.7	102	69.9	0	0	Mo = Concordo Totalmente
12. Por vezes o ciúme põe o/a rapaz/rapariga tão louco que ele bate na/no namorada/do.	85	58.2	17	11.6	16	11.0	16	11.0	9	6.2	3	2.1	Mo = Discordo Totalmente

13. As/os raparigas/rapazes que traem os/as namorados/as merecem ser espancadas/os.	93	63.7	25	17.1	22	15.1	3	2.1	2	1.4	1	0.7	Mo = Discordo Totalmente
14. Um/a rapaz/rapariga pode bater no/a namorado/a se ela merecer	132	90.4	8	5.5	2	1.4	2	1.4	2	1.4	0	0	Mo = Discordo Totalmente

Relativamente à violência psicológica e social a atitude mais aceitável é a do controlo, havendo 6.2% dos alunos que defendem que o parceiro deve dizer ao outro tudo aquilo que faz e 2.1% concorda totalmente que o parceiro lhe tenha de pedir autorização para sair com os amigos.

No que diz respeito ao controlo do telemóvel ou das redes sociais e ao fornecimento de *passwords*, a maioria dos alunos discorda dessa atitude, havendo apenas 1 aluno (0.7%) que concorda totalmente que o parceiro deva facultar ao outro as suas senhas de acesso. Neste campo há também alguns alunos (7 alunos, 4.8%) que concordam que têm o direito de mexer no telemóvel do outro sem autorização.

Ainda no neste âmbito, 8.9% dos alunos acham legítimo gritar com o outro quando estão furiosos e 5.5% acham que têm o direito de dizer ao outro o que fazer.

Tabela 16 – Atitudes face à violência (Violência Psicológica e Social) –

	Discordo totalmente		Discordo		Não concordo nem discordo		Concordo		Concordo Totalmente		N/r		Descritivas
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
1. Um/a rapaz / rapariga não deve insultar o/a namorado/a	10	6.8	2	1.4	6	4.1	21	14.4	107	73.3	0	0	Mo = Concordo Totalmente
2. Um/a rapaz/rapariga não deve dizer à namorado/a o que fazer.	8	5.5	7	4.8	10	6.8	36	24.7	85	58.2	0	0	Mo = Concordo Totalmente

3. Um/a rapariga/rapaz deve pedir autorização ao/a namorado para sair com os amigos.	105	71.9	23	15.8	11	7.5	1	0.7	3	2.1	3	2.1	<i>Mo =</i> Discordo Totalmente
4. Um/a rapariga/rapaz deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado/a.	102	69.9	29	19.9	11	7.5	3	2.1	1	0.7	0	0	<i>Mo =</i> Discordo Totalmente
5. Um/a rapaz/rapariga não precisa de saber tudo o que a/o namorada/o faz.	9	6.2	10	6.8	45	30.8	41	28.1	41	28.1	0	0	<i>Mo =</i> Não concordo nem discordo
6. É normal um/a rapaz/rapariga gritar com a/o namorada/o quando está furioso/a.	51	34.9	41	28.1	40	27.4	13	8.9	1	0.7	0	0	<i>Mo =</i> Discordo Totalmente
7. Um/a rapariga/rapaz não deve estar com os/as amigos/as se isso aborrecer o/a namorado/a.	77	52.7	49	33.6	17	11.6	0	0	2	1.4	1	0.7	<i>Mo =</i> Discordo Totalmente
8. O rapaz é obrigado a mostrar à namorada as suas redes sociais e as suas conversas privadas.	112	76.7	21	14.4	12	8.2	0	0	0	0	1	0.7	<i>Mo =</i> Discordo Totalmente
9. Tanto ele como ela têm o direito de mexer no telemóvel do outro sem autorização.	91	62.3	21	14.4	26	17.8	7	4.8	1	0.7	0	0	<i>Mo =</i> Discordo Totalmente
10. A/o rapariga/rapaz é obrigada/o a facultar a palavra pass das	116	79.5	20	13.7	7	4.8	0	0	1	0.7	2	1.4	<i>Mo =</i> Discordo Totalmente

suas redes sociais ao/a namorado/a.														
-------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Por fim, relativamente às questões inseridas no contexto de violência sexual, os resultados obtidos são os mais alarmantes, na medida em que 24 alunos acham que são donos do corpo do seu companheiro, 15 alunos (6.8% Concordam e 3.4% Concordam Totalmente) vêm a excitação como algo incontrollável, admitindo que quando excitados não conseguem evitar manter relações sexuais, 9 alunos (2.7% Discordam Totalmente e 3.4% Discordam) acham que têm o direito de tocar no seu parceiro, mesmo sem consentimento e 5 alunos acham que após um aval positivo do seu parceiro para ter relações sexuais, estes não podem mudar de vontade.

No entanto, a maioria discorda totalmente que para provar o seu amor não precisa de ter relações sexuais (104 alunos, 71.2%) e que não é pelo facto de entrar no quarto do seu parceiro que está a consentir ter relações sexuais (93 alunos, 63.7%)

Também o simples beijo deve ser consentido e por isso 133 alunos consideram que o parceiro não pode forçar o outro a beijá-lo contra sua vontade.

No entanto, houve em algumas questões, percentagens elevadas de alunos que não concordavam nem discordavam, como o caso da questão “Quando os/as rapazes/raparigas ficam muito excitados/as sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais”, em que 37 alunos assinalaram essa mesma opção.

Tabela 17 – Atitudes e comportamentos na relação (Violência sexual) – Parte III

	Discordo totalmente		Discordo		Não concordo nem discordo		Concordo		Concordo Totalmente		N/r		Descritivas
	n	%	N	%	N	%	n	%	n	%	n	%	
15. Os/as rapazes/raparigas não são donos/as do corpo das/os namoradas/os.	15	10.3	9	6.2	5	3.4	21	14.4	96	65.8	0	0	Mo = Concordo totalmente
16. Quando os/as rapazes/raparigas ficam muito excitados/as sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	49	33.6	42	28.8	37	25.3	10	6.8	5	3.4	3	2.1	Mo = Discordo totalmente

17. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	4	2.7	5	3.4	6	4.1	31	21.2	99	67.8	1	0.7	<i>Mo</i> = Concordo Totalmente
18. Um/a rapaz/rapariga pode forçar a/o namorada/o a beijá-lo/a.	100	68.5	33	22.6	9	6.2	1	0.7	2	1.4	1	0.7	<i>Mo</i> = Discordo Totalmente
19. Para provar o seu amor um/a rapaz/rapariga deve ter relações sexuais com o/a namorado/a.	104	71.2	27	18.5	13	8.9	0	0	2	1.4	0	0	<i>Mo</i> = Discordo Totalmente
20. Um/a rapaz/rapariga que entra no quarto do/a namorado/a está a concordar ter relações sexuais com ele/a.	93	63.7	36	24.7	14	9.6	1	0.7	2	1.4	0	0	<i>Mo</i> = Discordo Totalmente
21. Mesmo se um/a rapaz/rapariga tiver dito “sim” sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	5	3.4	0	0	5	3.4	29	19.9	107	73.3	0	0	<i>Mo</i> = Concordo Totalmente

É notório, através de uma breve análise dos dados acima, que a prática de violência, apesar de em baixa escala, está presente nas relações dos jovens inquiridos. Ainda assim, quisemos perceber se, nos casos verificados, existe uma relação entre os diferentes tipos de violência praticados por estes jovens. Assim, foi realizado o teste de correlação para amostras não probabilísticas (ro de Spearman) para as 24 formas de violência tipificadas. Desta análise (constante no quadro em apêndice 3), para um nível de significância de 0,01 foi possível verificar que¹:

¹ Embora a aplicação estatística das correlações pressuponha a aceitação da relação entre duas variáveis para níveis de significância inferior a 0,05, em todos os testes realizados constatou-se que estes eram significativos para valores inferiores a 0,01, reforçando desta forma a relevância dos dados obtidos.

- A violência sexual e a violência física (como agressão ou imposição de comportamentos contra vontade, como beijar) apresentam, um nível de correlação moderado (com um coeficiente de 0.633, 0.509 e 0.577, respetivamente), o que demonstra a associação entre estas duas formas de violência;
- A violência sexual surge ainda associada a outras formas de violência (como a verbal, psicológica e social), embora estatisticamente com níveis de correlação mais baixos (entre 0.246 e 0.422), o que vem reforçar a ideia de que a violência tem várias expressões e está presente de formas muito diversas nas relações de namoro;
- Igualmente digno de registo é o facto de perante uma agressão física por parte de um dos elementos do casal, o outro tende a reagir igualmente com violência física (com forte correlação, de 0.817), numa escalada de violência que é justificada por ambos os elementos do casal;
- À semelhança da violência sexual, também a violência física surge associada estatisticamente a outras formas de violência (embora com níveis mais baixos de correlação);
- A violência verbal assume-se como uma prática que, quando ocorre, tende a ter resposta no mesmo tom (com forte correlação de 0.829), parecendo ver-se legitimada a ideia de que perante um ato de agressão é correto agir da mesma forma;
- Práticas como difamar (contando coisas aos amigos da/o namorado/a para pôr os amigos contra ela/ele) e espalhar boatos encontram-se fortemente correlacionados (com um coeficiente de 0.865);
- Também a questão do controlo surge associada a outras formas de violência, principalmente psicológica, com correlações, ainda que baixas, associadas à questão do ciúme (com um coeficiente de 0.350), à acusação de infidelidade (coeficiente de 0.394) e às ameaças de termino de relação por não permitir ver o telemóvel (coeficiente de 0.497).

De um modo geral, é possível verificar através dos dados obtidos que, embora a relação entre os diferentes tipos de violência não seja estatisticamente muito significativa, mostrando níveis de correlação fracos a moderados, estes encontram-se presentes em simultâneo, não havendo por isso uso de um tipo de violência isoladamente, mas sim uma combinação com outros tipos de violência, como por exemplo a violência física encontra-se associada à violência sexual e vice-versa.

Foram também realizadas correlações entre as variáveis “sexo” e “idade” e as 21 questões colocadas sobre as atitudes dos jovens face às situações de violência. O objetivo consistia em tentar perceber se estas variáveis ajudariam, ou não, a perceber a prática da violência e as suas particularidades. Assim, para a questão da idade apenas foi possível verificar correlação, ainda que fraca em três questões (Apêndice 4). Por outro lado, na questão da variável “sexo”, no conjunto das 21 afirmações, foi possível verificar a existência de correlações estatísticas, embora também fracas, em 11 dessas afirmações, sobressaindo-se as questões direcionadas à prática de relações sexuais na relação que apresentaram correlações minimamente significativas, face aos valores gerais obtidos.

Também com o objetivo de perceber se o ambiente familiar é influenciador na prática de violência nas relações amorosas dos adolescentes, foram realizadas correlações estatísticas entre ambas as variáveis. Os valores obtidos remetem-nos também para valores correlacionais muito fracos, no entanto é possível verificar que existe correlação estatística entre as questões do uso de insultos, do tom agressivo, do controlo do telemóvel e difamação através da criação de boatos e a presença de violência na família (Apêndice 4).

Por fim, relativamente às correlações entre as variáveis sobre o ambiente familiar e as atitudes face à violência (utilizando desta vez as respostas dos 146 alunos), podemos observar correlações estatísticas em apenas algumas questões, nomeadamente nas questões do controlo das redes sociais, da agressão física e da liberdade de mudança de decisão face às relações sexuais. Estas correlações são também elas muito fracas, no entanto, a correlação mais elevada estabelece-se entre a questão da agressão física e a relação dos pais (0.210) e a presença de violência na família (0.200). Esta informação pode ser confirmada no quadro constante do Apêndice 5.

Apesar da análise correlacional não evidenciar uma relação suficientemente sustentada do ponto de vista estatístico entre a questão do género e os tipos de violência no namoro, numa análise à diferença de médias, verificou-se que existem diferenças de género quanto às formas de violência praticadas, com os rapazes a registarem médias mais elevadas em todos os tipos de violência. Exceção para a agressão verbal (tom agressivo, insultos e acusações) que registam médias mais elevadas entre as raparigas.

Realizando a análise à tabela presente no Apêndice 7 é possível verificar que as atitudes mais repudiadas pelos rapazes são os insultos, o controlo (nomeadamente o dizer ao outro o que fazer, o controlo do telemóvel e a obrigatoriedade de fornecer ao outro as *passwords* pessoais), a agressão física, o toque não consentido, seja a nível sexual ou físico. Apesar de haver alguma

discordância entre os dois sexos, também as raparigas repudiam mais os insultos, o controlo, a agressão física e o toque não consensual. No entanto, estas também repudiam o facto de mudar a maneira de ser para agradar o outro.

Relativamente às atitudes mais legitimadas, pode-se dizer que os rapazes acham normal o parceiro pedir autorização para sair e mudar a maneira de ser para agradar. Para além disso, também naturalizam o uso do tom agressivo durante uma discussão e a privação de estar com os amigos quando não é consensual pelo outro. Focando ainda no que pensam os rapazes, é notória a existência de uma contradição no que se refere à agressão física, uma vez que como referido, em média esta atitude é repudiada por eles, no entanto concordam com a agressão física como desculpa para uma crise de ciúmes e num caso de infidelidade por parte do outro. A nível sexual também naturalizam a relação e o toque não consentido no que diz respeito ao forçar o beijo e a manter a relação sexual por acharem que quando a excitação é elevada não conseguem controlar.

Por outro lado, as raparigas legitimam e naturalizam o uso de tom agressivo, a privação de estar com os amigos, o uso da agressão física como desculpa para uma crise de ciúmes e a relação sexual forçada devido à dificuldade em controlar a excitação.

4.1.6. Análise Questão Aberta

Por fim, no final do questionário, foi colocada uma questão aberta com a finalidade de obter junto dos jovens a sua opinião de como seria possível minimizar a violência no namoro e de que forma, eles e a comunidade escolar, podiam contribuir para tal. Da totalidade dos 146 questionários, apenas 108 alunos responderam à questão.

Para realizar a análise foram transcritas todas as respostas obtidas e seguidamente criadas numa primeira fase 12 categorias que posteriormente se fundiram resultando num total de 7 categorias (Apêndice 6).

São elas:

1. Apoio especializado às vítimas (através de redes de suporte formal e informal) – 20 dos alunos referiram em suas respostas que era importante apoiar a vítima, no sentido de mostrar-lhe que pode mudar a sua situação ou, em situações mais específicas, incentivá-las a procurar ajuda de profissionais, como os psicólogos. Alguns excertos ilustrativos:

“[...] Quando se souber de um caso, deve-se apoiar a vítima e tentar com que ela se aperceba que essa relação não lhe faz bem e que não é saudável.” (aluno 43) -,
incentivar a denuncia - ex.: “Explicar às vítimas que não estão sozinhas e que não

há mal nenhum em denunciar” (aluno 126)

“[...] devem procurar alguém que os ajude e falar sobre o assunto.” (aluno 68);

“Um melhor psicólogo nas escolas, em quem as pessoas tivessem abertura e confortáveis para falar” (aluno 84)

2. Realizar exposições sobre o tema, apostando assim na educação dos jovens – 43 dos alunos que responderam à questão referem que são importantes as palestras e as exposições sobre o tema, a fim de educar e alertar os jovens e toda a comunidade para a gravidade deste problema social, bem como para o esclarecimento de dúvidas e a abertura das mentalidades a fim de minimizar a violência no casal. Referem também que deveriam existir mais exposições sobre o tema e também a sua abordagem nas aulas de cidadania. Exemplos:

“[...] Investir nas aulas de cidadania para que cada vez mais surja a consciência sobre este tipo de violência” (aluno 2);

“A violência no namoro poderia ser minimizada se houvesse mais atividades (palestras, teatros, etc.) sobre esse assunto, com casos reais, de forma a que todos se apercebessem (dentro e fora da relação) do que se poderá tornar se não acontecer nada. [...]” (aluno 46);

“Fazer mais palestras/apresentações sobre o tema, lembrando-nos a todos que a violência no namoro não começa apenas quando alguém bate/agride fisicamente! Às vezes a violência verbal magoa e assusta bem mais e acho que muitas vezes nós adolescentes esquecemo-nos ou mesmo não sabemos disso.” (aluno 50);

“Na minha opinião, acho que deveriam e se fazer mais palestras para que as pessoas e os jovens pudessem ver quão grave é a violência e o que é a violência no namoro e tentar sensibilizar os adolescentes de forma a que não façam nem sofram com a violência no namoro.” (aluno 67)

3. Intervir: sinalizar e denunciar as situações de violência - de entre as respostas obtidas, 27 alunos defendem que deve haver uma intervenção proativa, no sentido de tomar partido de denunciar os casos de violência doméstica e sinalizar junto dos funcionários, professores ou junto das autoridades competentes. Também defendem que a vítima deve fazer denuncia da situação para que esta possa terminar, acabando com o sofrimento gerado pela situação de violência. Temos como exemplo a resposta do aluno 8 que refere que não hesitará em denunciar ou a incentivar a vítima junto dos funcionários, professores ou autoridades, qualquer situação de violência que conheça:

“Caso eu ou os meus colegas conheçamos alguém que se encontre num relacionamento abusivo, não hesitarei em denunciar e incentivar o/a meu/minha colega a dirigir-se a um profissional ou entidade competente [...]” (aluno 8)

4. Promover a partilha de informação entre todos os membros da comunidade escolar (alunos, professores, auxiliares, etc.) – 18 alunos defendem que deve haver partilha de informação entre as vítimas e as pessoas ao seu redor assim de pedir ajuda para resolver a situação, denunciando assim o agressor. Ex.:

“Eu acho que quem sofre de violência devia de ter coragem de falar com alguém de confiança para puder minimizar o seu sofrimento e terminar o que se está a passar.” (aluno 52).

Outros alunos defendem também que eles próprios devem ser proativos no momento da denúncia, sendo eles próprios a denunciar as situações de violência no namoro de que sejam conhecedores. Estes referem que se devem dirigir a um adulto, nomeadamente os professores ou psicólogos da escola. Alguns exemplos:

“[...] Eu e os meus colegas conseguimos ajudar se soubermos de algum caso e falar com as pessoas envolvidas, falar com adultos para que se pare a relação. Os profissionais poderão ajudar dando apoio (psicológico e outros) aos envolvidos” (aluno 46);

“Caso alguém estiver numa relação tóxica, [...] alunos, amigos, funcionárias ou até professores, quando apanhassem um dos parceiros do casal sem o “abusar”, que falassem, ou tentassem ajudar, ou mesmo durante as aulas, chamar o aluno para falar num local privado. Às vezes só de falar com a pessoas já ajuda, porque pode mudar de ideias, pode ter uma melhor perspectiva de que a relação que está a ter não é saudável e com isso funcionárias ou professores podem ajudar de uma maneira mais discreta.” (aluno 21)

5. Promover relacionamentos saudáveis (assentes na confiança e respeito) – 17 das respostas obtidas referem que os relacionamentos devem ser mantidos na base da confiança, do respeito mútuo e do diálogo, ex.:

“As coisas numa relação não se resolvem a bater um ao outro ou a agredir verbalmente, mas sim a falar e a dizer-se o que se pensa sobre o ocorrido” (aluno 144).

Referem que também é importante saber lidar e aceitar as diferenças e os gostos do parceiro, pois só assim se poderá manter uma relação saudável, ex.:

“Acho que numa relação saudável e amorosa o respeito pelo outro é das coisas mais importantes para se manter de pé. Devem-se amar e saber lidar com as diferenças e gostos do outro” (aluno 3).

Para além da confiança e respeito também referem que é importante uma certa maturidade para iniciar uma relação e que nesta é importante que haja segurança, não se deixando rebaixar ao outro, ex.:

“A violência poderia ser minimizada se houvesse mais confiança e segurança nos

relacionamentos. [...]” (aluno 4);

“Namorar quando tiverem maturidade para isso e nunca se rebaixarem ao namorado/a” (aluno 16).

O aluno 80 também defende que se deve “reforçar que certos comportamentos são inaceitáveis e errados num relacionamento”.

6. Apostar na punição do agressor – 3 das respostas obtidas apontam para a punição do agressor como algo fulcral para a minimização da violência no namoro. Uma das respostas refere mesmo a tortura como forma de punir o agressor. Excertos:

“Na minha opinião, acho que se em Portugal a condenação dos maus tratos, violência doméstica ou violação fosse a pena de tortura, não havia tantos casos.” (aluno 129);

“Acho que a violência no namoro podia ser minimizada dando lições às pessoas que a praticam” (aluno 19);

“[...] se houvesse algum tipo de punição para aqueles que praticam a violência, talvez ajudasse.” (aluno 12).

7. Apostar na educação familiar – por fim, 3 dos alunos acham que o problema da violência no namoro começa em casa com a educação e exemplos recebidos no seio da família.

Exs.:

“Esse problema tem origem na criação do filho ou filha” (aluno 56); “[...] vem da educação dos pais em casa. [...]” (aluno 23); “Na minha opinião tem a ver com a relação que se traz de casa [...]” (aluno 12).

Dessa forma é importante também apostar na educação familiar, a fim de que também esta tenha controlo sobre as situações de violência, quer na família, quer praticada pelos seus educandos no seio das suas relações, neste caso, amorosas.

Analisando de forma geral todas as respostas é possível perceber que os jovens têm a consciência que a Violência no Namoro é algo que não é normal nas relações amorosas e que esta deve ser denunciada, seja pela vítima, seja por um amigo/ colega, a alguém de autoridade.

É notório também que não está presente o tema no seu quotidiano e que há uma grande necessidade de introduzir a sua temática mais vezes, seja através de palestras, cartazes, ou até através da sua abordagem nas aulas de cidadania. É também referido em algumas respostas que é importante e necessário a presença de profissionais especializados, como psicólogos, de modo a que seja possível obter ajuda de forma mais pormenorizada e específica.

Por outro lado, apesar de a maioria das repostas passarem uma mensagem de esperança e de que é possível minimizar e por fim à violência no namoro, outras referem que não é possível fazer nada e que esta nunca terá um fim, como refere o aluno 18:

“Na minha opinião, sinceramente, eu acho que não se pode fazer nada ou então sim, mas muito provável se fizerem alguma coisa para minimizar e combater a violência no namoro, isso não será aplicado em muitos relacionamentos com violência, pois não muda e vai continuar sempre a acontecer.”

Ou como refere o aluno 38:

“Muito sinceramente não sei como ajudar, porque mesmo com palestras, avisos, etc., vai haver sempre violência, pois há pessoas que não vão dar ouvidos”.

No entanto, é de realçar que estes jovens acreditam que a violência no namoro é algo que pode ser combatido e que isso é possível através da educação, quer dos jovens no geral, quer das suas próprias famílias, para que também elas possam passar bons exemplos aos seus jovens e que este, posteriormente e no futuro, possam também eles passar bons exemplos aos seus descendentes.

4.2. Discussão dos Resultados

O estudo empírico baseou-se em estudos já concretizados através de instrumentos validados, nomeadamente no CADRI – Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes e no EAVN - Escala de atitudes acerca de Violência no Namoro, com intenção de perceber junto da amostra se a violência no namoro era algo recorrente ou não nas relações destes jovens e quais as suas dimensões e formas.

Surpreendentemente e contrariamente ao esperado os resultados obtidos foram positivos na medida em que parece haver pela maioria dos jovens uma consciencialização sobre o que é a violência no namoro e quais as atitudes corretas e erradas no seio de uma relação amorosa entre duas pessoas.

Nesta discussão de resultados é importante fazer uma breve análise daqueles que foram os pontos fulcrais e de ênfase na investigação: a questão do género, do impacto do ambiente familiar nas relações amorosas e aquelas que são, segundo as perspetivas dos jovens, as estratégias de prevenção e minimização da violência no namoro.

Começando pelo ponto referido em primeiro, a questão do género, é importante perceber que, e fazendo referência ao estudo realizado pela UMAR em 2020, mencionado no Capítulo II, as raparigas têm percentagens de vitimação superiores às dos rapazes, principalmente no que diz respeito à violência psicológica. No que diz respeito à legitimação da violência física e

sexual, os rapazes apresentam percentagens muito superiores à das raparigas, o que significa que para eles é natural forçar o parceiro a manter relações sexuais contra vontade e também é legítima a agressão física em alguns contextos, como a infidelidade e os ciúmes.

Os resultados obtidos na presente investigação mostram isso mesmo, ou seja, que os atos associados à violência física e sexual são, na maioria, mais repudiados pelas raparigas e que apesar, de nesta amostra, também os rapazes a repudiarem, em média, estes atos são mais aceites por eles. Por outro lado, também em conformidade com o referido no mesmo estudo, as raparigas aceitam e legitimam mais a violência psicológica e verbal, como por exemplo, o uso do tom agressivo, sendo também possível verificar isso nos resultados obtidos.

Direcionando o foco para a relação da violência com o ambiente familiar é possível, através dos resultados obtidos das correlações estatísticas confirmar que atos como insultar, humilhar, controlar e difamar, estão relacionados com a presença de violência no seio familiar e que, por isso, estas atitudes podem, eventualmente, ser fruto da sua exposição à violência, tal como referem Hines & Saudino (2002) ou Foo & Margolin (1995), pois apesar de os valores serem estatisticamente fracos, a verdade é que existe uma correlação.

As questões “As/os raparigas/rapazes que traem os/as namorados/as merecem ser espancadas/os” e “Um/a rapaz/rapariga pode bater no/a namorado/a se ela merecer” também apresentam correlações estatísticas, embora fracas, com a relação entre os pais. Esta correlação pode ser explicada pelo modo como os jovens aprendem, quando expostos direta ou indiretamente a situações de violência na família, a resolver situações de conflito com os seus pares e à forma como gerem as suas emoções pessoais, tal como referem alguns autores, como Oliveira & Sani (2016) ou Izaguirre & Calvete (2016).

Pegando noutra ponto de relevância que é a questão da legitimação por parte de alguns jovens relativamente à agressão física como desculpa para uma crise de ciúmes, Sugarman & Hotaling (1989) explicam este fenómeno como uma possível consequência não só da exposição à violência na família, mas também como uma consequência individual do jovem quando presente a uma situação de conflito e à dificuldade em resolver esses mesmo conflitos ou frustrações, transferindo-os para um ato de violência física.

Relativamente à violência sexual e à legitimação desta, principalmente pelo sexo masculino, é possível, confrontando os dados obtidos do presente estudo com os dados apresentados no Relatório de 2020 da UMAR, verificar que a violência sexual, principalmente no que diz respeito ao toque não consentido e ao beijo forçado, é, em ambos os estudos, uma das formas de violência mais legitimada entre os jovens. O mesmo não se pode dizer

relativamente ao controlo e aos insultos, que no presente estudo são das formas mais repudiadas pelos jovens, enquanto no estudo da UMAR são as mais legitimadas pelos jovens. Ressalva-se também que as dimensões das amostras são bastante diferentes e que a amostra do presente estudo não é representativa da população.

Este último ponto é bastante assustador, pois demonstra a falta de capacidade de os adolescentes rapazes respeitarem aquele que é o espaço e a vontade do outro, forçando-o apenas com o intuito de satisfação própria e também demonstra o modo como os jovens de ambos os sexos agem face à violência, retribuindo também com violência, nomeadamente quando usam a agressão verbal e os insultos.

Foi também possível perceber que as formas de violência retratadas pela literatura, desde a Violência Física, à Violência Social, através do controlo, da perseguição e violência nas redes sociais, estão, apesar de em baixa escala, presentes na vida de alguns dos jovens inquiridos. No entanto, e este é um dos resultados mais interessantes do presente estudo, foi possível também verificar que nenhum tipo de violência é aplicado isoladamente, mas em conjunto com outro tipo de violência, como o caso da violência sexual que está sempre associada à violência física e a violência social, como o controlo, também está associada à violência psicológica.

Por fim, feita a análise da última questão colocada aos alunos relativamente ao modo como seria possível prevenir e minimizar este fenómeno, pode-se observar que as suas opiniões vão ao encontro do já descrito na literatura. Estes referem que seria importante a realização de mais fóruns, palestras, aulas sobre o tema, trabalhar com os jovens a fim de incentivar a denúncia e colocar nas instituições de ensino mais profissionais especializados na área, de forma a colmatar todas as necessidades dos alunos aquando do aparecimento do fenómeno na sua vida pessoal.

Diversos autores, como Saavedra (2010) vão de encontro ao referenciado pelos jovens da amostra, defendendo que o papel do Serviço Social nesta temática passa por trabalhar a prevenção, através de meios que cheguem a este público-alvo, como palestras, gabinetes de apoio, panfletos, focar o tema nas aulas de cidadania, entre outros.

Os alunos referem também que seria importante trabalhar as capacidades pessoais direcionadas ao modo de resolução de conflitos e até mesmo estender essa intervenção à comunidade. Isto vai de acordo, mais uma vez àquilo que Santos (2015) refere no estudo realizado com 5 profissionais da área de intervenção, que defendem que a intervenção deve passar pela extensão e ampliação de projetos nas escolas e associações de forma a capacitar os

Inês Dias Oliveira

Violência No Namoro: Legitimação Da Violência Nas Relações Amorosas Entre Adolescentes

jovens para a resolução de problemas nas suas relações íntimas de forma não violenta, provendo assim uma cultura não violenta e que na impossibilidade da implementação de projetos escolares deveriam ser capacitados mais profissionais para intervir junto dos jovens.

Conclusão

Apesar de a Violência no Namoro ser uma temática que tem merecido muita atenção pelos investigadores e pela sociedade em si, continua a ser de importante relevância continuar a investigar nesta área, abrindo novos horizontes, principalmente naqueles que são os processos de prevenção e de minimização da violência no namoro e de uma forma geral.

Não sendo de conhecimento qualquer estudo na área da Violência no Namoro junto dos adolescentes da cidade de Tomar, tornou-se pertinente, de um modo mais específico tentar perceber as suas relações amorosas e também familiares, com a esperança que esta investigação possa ajudar no desenvolvimento de mecanismos que possam ajudar os jovens nas suas crises e problemas deste âmbito.

Chegando ao final deste estudo, ainda que com algumas limitações, que serão discutidas de seguida, foi possível de certa forma responder aos objetivos gerais e específicos delineados e concordar com as hipóteses colocadas.

Dando resposta àquele que foi o objetivo geral desta investigação, foi possível perceber que apesar de em baixa escala, a violência é legitimada e está presente na vida de alguns dos alunos, sendo esta usada como forma de resolução de conflitos, principalmente no que diz respeito ao uso da violência psicológica e verbal, podendo-se constatar que a provocação de ciúmes (35,7%) e o uso de tom de voz agressivo são as atitudes mais utilizadas entre os jovens. Por isso é possível também concordar com a primeira hipótese colocada - A prática da violência está presente nas relações de namoro e intimidade destes jovens.

Além disso, este resultado vai de encontro aos resultados obtidos em diversos outros estudos, que referem que a violência psicológica e verbal é a mais usual entre os jovens (Nelas *et al.*, 2016; Antunes, 2016; UMAR, 2020; etc.).

Foi também possível perceber que a maioria dos jovens repudia de modo geral a violência, principalmente o controlo, a agressão física e os insultos, tendo por exemplo, 138 alunos que concordam com o término da relação após a agressão física e 133 que acham que o simples beijo deve ser consentido. Dessa forma não naturalizam nem legitimam a violência, tendo consciência do que são atitudes corretas e incorretas numa relação. Assim sendo, pode-se verificar que o que afirma a segunda hipótese - Apesar da presença da violência nas relações de namoro, os jovens tendem a considerar a sua prática como algo negativo - é também verdade.

Por outro lado, verificando a questão do impacto do ambiente familiar nas relações amorosas destes adolescentes, foi possível também perceber que este tem algum impacto nas

relações, principalmente quando se fala do controlo, do uso do tom de voz agressivo e da difamação do parceiro. Infelizmente nem todos os alunos responderam às quatro questões colocadas sobre este subtema devido a uma falha na construção do questionário, uma vez que esta secção não foi devidamente assinalada, fazendo com que alguns alunos do grupo dos que nunca tinham namorado fossem remetidos diretamente para a parte final do questionário, saltando algumas das questões apresentadas. No entanto, alguns desses alunos leram o questionário por completo e perceberam que essas questões estavam direcionadas também para eles, sendo possível mais uma vez, verificar que também a terceira hipótese - As experiências familiares e sociais têm impacto na prática da violência entre os jovens – é verdadeira.

Fazendo a análise da questão aberta, é notório que há uma falta de intervenção junto destes jovens relativamente ao tema. A maioria defende que deveriam ser implementados mais projetos de prevenção, como palestras, debates, panfletos, etc. Este ponto é de extra importância e de alerta, mostrando que é urgente intervir junto da comunidade escolar.

Por fim, é notório através da análise da questão aberta que a quarta hipótese - os jovens consideram a prevenção e o acompanhamento especializado são uma mais-valia para a resolução da violência no namoro nas relações de adolescentes – é igualmente verdadeira.

Relativamente às limitações do estudo, assinala-se a dificuldade na aplicação dos questionários presencialmente e em maior escala, devido à pandemia, que impossibilitou a apresentação dos questionários e o acompanhamento direto no processo de aplicação.

Como referido, não foi possível também estender o estudo a um maior número de alunos, devido ao mesmo fator, uma vez que devido ao curto espaço de tempo, não houve da parte de todos os professores a disponibilidade para a aplicação dos questionários, uma vez que a mesma coincidiu com o período de preparação para os exames nacionais.

O ponto fulcral a retirar deste estudo é sem dúvida a necessidade de criação de meios de intervenção junto destes jovens, criando espaços próprios de apoio aos alunos, apostar na capacitação de profissionais e na implementação de programas de prevenção da violência no namoro que cheguem, não só aos alunos, mas a toda a comunidade.

Por fim, aconselhar futuros investigadores a apostarem em estudos com amostras maiores, pois só assim é perceptível a dimensão da violência no dia-a-dia dos adolescentes e a forma como esta se pronuncia nas suas relações amorosas. Seria igualmente importante que se apostasse na investigação de novas formas de intervenção e prevenção nestes contextos, uma vez que a maioria dos estudos realizados focam-se nas idades universitárias e a verdade é que em idades mais precoces esta também está presente e toma contornos diferentes. Por último,

Inês Dias Oliveira

Violência No Namoro: Legitimação Da Violência Nas Relações Amorosas Entre Adolescentes

seria também interessante procurar conhecer mais sobre o impacto da violência familiar na vida dos seus adolescentes e procurar desenvolver melhores meios de capacitação familiar e individual a fim de minimizar situações que possam, eventualmente, existir nas famílias.

Bibliografia

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1989). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Trad. S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aguiar, A. (2011). *Relações amorosas na Adolescência e Risco: um estudo sobre o papel do amor na percepção de risco em relação do HIV/AIDS*. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares – Uma visão Sistémica*. 3ª ed., Quarteto: Coimbra.
- Albuquerque, A. (2018). *Namoros marcados por violência: uma análise social*. Mestrado em Serviço Social da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra: Coimbra
- Alho, L. (2018). *Violência no Namoro – a realidade em Estudo*. In Violência(s) Doméstica(s). Jurisdição penal e processual penal. Coleção Formação Continua. Centro de Estudos Judiciários: Lisboa.
- Ali, P., Dhingra, K. & McGarry, J. (2016). A literature review of intimate partner violence and its classifications. *Aggression and Violence Behavior*, 31, 16-25.
- Almeida, A. (2017). *Adolescência e Depressão: o olhar e o cuidar do enfermeiro em saúde mental*. Relatório de Estágio em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Lisboa.
- Alves, C. & Dell’Aglío, D. (2015). Apoio social e comportamentos de risco na adolescência. *Psico*, 46(2), 165-175.
- Alves, G. (2008). *A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma*. Trabalho final de curso em Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.
- Andolfi, M. (1981). *A terapia familiar*. Editorial Veja: Lisboa.
- Andrade, T. (2017). *As relações amorosas do Adolescente com Histórico de Violência intrafamiliar*. Programa de Pós-graduação em Psicologia clínica da Universidade Católica de Pernambuco. Recife.
- Antoni, C. & Batista, F. (2014). Violência familiar: análise de fatores de risco e proteção. *Diáfora*, 14(2), 26-35.
- Antunes, O. (2016). *Violência nos relacionamentos íntimos em estudantes universitários*

(Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-Escola de Psicologia e Ciências da Vida. Lisboa, Portugal.

APAV (2015a). *Folha informativa – Violência no Namoro*.

APAV (2015b). *Violência no Namoro*. Disponível em: <http://www.apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e-1>

APAV (2020a). *Folha Informativa – Prevenção da Violência*.

APAV (2020). *Folha Informativa – Violência no Namoro*.

APi (2018). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas*. Instituto Universitário da Maia.

APi (2020). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitários: Crenças e Práticas (entre 2017 e 2020)*.

Araújo, M. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: ciência e profissão*, 22(2), Brasília.

Arriaga, O. & Oskamp, S. (1999). The nature, correlates and consequences of violence in intimate relationships. In X. B. Arriaga, & S. Oskamp (Eds.), *Violence in intimate relationships* (pp. 3-15). Thousand Oaks: The Claremont Symposium on Applied Social Psychology.

Bandura, A. (1999). Social cognitive theory: Na agentic perspective. *Asian Journal of Social Psychology*, 2, pp. 21-41.

Baptista, M. & Teodoro, M. (2012). *Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenções. Dados eletrônicos*. Porto Alegre: Artmed.

Barreto, M. & Rabelo, A. (2015). A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. *Pensando famílias*, 19(2), 34-42.

Becker, D. (2017). *O que é a Adolescência?* Versão E-book. Editora e Livraria Brasiliense: São Paulo.

Bedene, M. (2010). *Caderno Temático: Reflexões sobre o enfrentamento da indisciplina entre jovens, adolescentes. alunos matriculados no ensino fundamental*. PDE. Universidade Fernando Pessoa.

Benetti, S., et al. (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psic-USF*, 15(3), 321-332.

Berger, K. (2003). *O desenvolvimento da pessoa da infância à adolescência*. 5ª ed. LTC, Rio de Janeiro.

- Berry, B. (2000). *The domestic violence sourcebook: Everything you need to know*. Lowell House: Los Angeles.
- Beserra, M. (2016). Prevalência e Características da Violência no Namoro entre Adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 183-191.
- Biasoli-Alves, Z. (2004). Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. In Athoff, C., Elsen, I. & Nitschke, R. (Orgs). *Pesquisando a família: Olhares contemporâneos*. pp. 91-106. Papa-livro: Florianópolis.
- Bittar, D. & Nakano, A. (2017). Violência Simbólica entre Adolescentes nas Relações afetivas de namoro. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 51. São Paulo.
- Blos, P. (1996). *A transição adolescente*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Bock, A. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos CEDES*, v.24, n.66. Campinas.
- Borges, I. (2016). *Violência no Namoro e consumo de substâncias em jovens estudantes Universitários*. Dissertação de Mestrado em Criminologia. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. CLIMEPSI Editores: Lisboa.
- Braga, L. & Dell'Aglio, D. (2012). A exposição à violência em adolescentes de diferentes contextos: famílias e instituições. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 413-420.
- Branco, F. & Portas, M. (1999). *Direitos Humanos e Serviço Social*. Organização das Nações Unidas, Comissão Nacional para as Comemorações do 50.º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem.
- Burke, S., et al. (2011). Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior*, 27, 116-1167.
- Cabral, P. & Rodriguez-Díaz (2017) Violência conjugal: crenças de atuais e futuros profissionais implicados na sua resposta e prevenção – Direito, Saúde e Educação. *Saber & Educar*, 23: Contornos da educação inclusiva na perspectiva da Lei e das Respostas Educativas.
- Caldana, M. (1997). A Criança e a sua educação no início do século: autoridade, limites e cotidiano. *Temas de Psicologia*, 6(2), 87-103.
- Calligaris, C. (2000). *A Adolescência*. Publifolha: São Paulo.

- Campbell, J. (2002) Health Consequences of Intimate Partner Violence. *Lancet*, 359, 1331-1336.
- Campos, D. (2010). *Psicologia da adolescência: Normalidade e psicopatologia*. 24ª ed. Vozes, Petrópolis.
- Campos, S. & Goto, T. (2017). Os Conflitos e Valores na Juventude: Transição para a Maturidade. *Phenomenological Studies, Revista da Abordagem Gestáltica*.23(3), 350- 361.
- Cardoso, L. & Malbergier, A. (2014). Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 18(1), 27-34.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S. & Braga, T. (2019). Versão Portuguesa do Cyber Dating Questionnaire (CDAQ) – Questionário sobre o ciberabuso no Namoro (CIBAN): Adaptação e propriedades Psicométricas. *Análise Psicológica*, 1 (XXXVII), 93-105.
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, volume 24, 1, pp. 485-493.
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na Intimidade Juvenil: da vitimização à Perpetuação. *Análise Psicológica*, XXIV (1), 485-493.
- Caridade, S. & Machado, C. (2013). Violência nas Relações Juvenis de Intimidade: Uma Revisão da Teoria da Investigação e da Prática. *Psicologia*, XXVII (1), 91-113. Edições Colibri, Lisboa.
- Caridade, S., Saavedra, R. & Machado, C. (2012). Práticas de prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: orientações gerais. *Análise Psicológica*, (1-2), 131-42.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem*. 2ª ed. Universidade Aberta, Lisboa.
- Carr, W. & Kemmis, S. (1988). Teoría Crítica de la enseñanza. Barcelona: Martinez Roca, in Coutinho C. (2015). *Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 2ª ed. Almedina, Lisboa.
- Carter-Snell, C. (2015). Youth dating violence: A silent epidemic. In Taylor, M. e Pooley, J. (eds.), *Overcoming Domestic Violence*. Nova Science Publishers, 49-65. New York.

- Carvalho, A., Salles, F. & Guimarães, M. (2003). *Adolescência*. Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, Belo Horizonte
- Carvalho, J., et al. (2013). Os Adolescentes na Consulta e no Internamento. *Boletim Adolescentes e Adolescência*, p. 4-10, Secção de Medicina do Adolescente – Sociedade Portuguesa de Pediatria.
- Casarin, H. & Casarin, S. (2012). *Pesquisa científica: da teoria à prática*. Curitiba: Ed. Intersaberes.
- CDC (2021). *Center of Disease Control and Prevention – Preventing Teen Dating Violence*. Disponível em: <https://www.cdc.gov/violenceprevention/intimatepartner-violence/teendatingviolence/fastfact.html>
- Chalk, R. & King, P. (1998). *Violence in Families: Assessing Prevention and Treatment Programs*. National Academy Press: Washington, D.C.
- Cicognani, E., Zani, B. & Albanesi, C. (2003). Adolescents et sentiment d’insécurité: dimensions et antécédents. *Psychologie & Société*, 7, 25-45.
- Coie, J., et al. (1993). The science of prevention: a conceptual framework and some directions for a national research program. *American Psychologist*, 48, 1013–1022.
- Collins, W. (2003). More than myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13, 1-24.
- Collins, W., Welsh, D., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationship. *Annual Review of Psychology*, 60, 631-652.
- Coutinho, C. (2015). *Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 2ª.ed. Almedina, Lisboa.
- Cuevas, C., Sabina, C. & Bell, K. (2014). Dating violence and interpersonal victimization among a national sample of Latino youth. *Journal of Adolescent Health*, 55(4), 564-570.
- Davolgio, T., et al. (2012) Personalidade e psicopatia: implicações diagnosticas na infância e adolescência. *Estudos de psicologia*, 17(3), 453-460.
- Denari, F. (1997). *O Adolescente especial e a sexualidade: nem anjo nem fera*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos: São Carlos.
- Dias, I. (2004). Violência na Família – Uma Abordagem Sociológica. *Sociologia*, 43 (924), Edições Afrontamento: Porto.
- Dias, M. (2010). *Planos de Investigação: Avançando Passo a Passo*. Edição de Autor.

- Diniz, C. & Silva, I. (2008). *Metodologia científica*. UEPB/UFRN, Campina Grande: Natal.
- Diniz, G. & Alves, C. (2015). Gênero e violência no namoro. In Murta, S., Bucher-Maluschke, J. & Diniz, G. (Org). *Violência no Namoro: Estudos, prevenção e psicoterapia*. Appris: Curitiba.
- Dioneses, M., Oliveira, M. & Carvalho, Y. (2011). Aspectos Estruturais Desenvolvimentais e Funcionais da Família de Adolescentes Grávidas Fundamentados no Modelo Calgary. *Revista Rene*, 12(1), 88-96.
- Direção Geral da Saúde (2013). *Programa Nacional de Saúde Infantil e Juvenil*. Disponível em: Direção-Geral da Saúde (dgs.pt)
- Direção Geral da Saúde (2014). *Violência interpessoal- Abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde*. Disponível em https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas.../violencia_interpessoal-pdf.aspx
- Dixe, M., et al. (2010). *A Violência de Género na Relação de namoro em estudantes do Ensino Superior – Práticas e Comportamentos de Violência*. VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Braga.
- Dolto, F. (1986). *A causa dos Adolescentes*. (J.Leite, trad.). Nova Fronteira: Rio de Janeiro.
- Drummond, M. & Drummond Filho, H. (1998). *Drogas: a busca de respostas*. Loyola: São Paulo.
- Duarte, A. & Lima, M. (2006). Prevalência da Violência Física e Psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.
- Ellis, W., Chung-Hall, J. & Dumas, T. (2013). The role of peer group aggression in predicting adolescent dating violence and relationship quality. *Journal Youth Adolescent*, volume 42, 4, pp. 487-499.
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rothman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics*, 131, 71-78.
- Faias, J. (2015). *Relação entre violência nas relações de namoro e violência no contexto familiar*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Jurídica. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Fernandes, P. (2016). *Relações entre competências sociais e qualidade de vida em adolescentes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Fernández-González, L., O’Leary, K. & Muñoz-Rivas, M. (2014). Age-related changes in

- dating aggression in Spanish high school students. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(6), 1132-1152.
- Ferreira, J. (2011). *Serviço Social e Modelos de Bem-Estar para a Infância – Modus Operandi do Assistente Social na Promoção da Proteção à Criança e à Família*. Quid Juris, Sociedade Editora, Lisboa.
- Ferreira, M. (2011). *A violência no namoro: estudo exploratório de caracterização das reações dos adolescentes face às violências*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- Fialho, J., Silva, C. & Saragoça, J. (2015). *Diagnóstico Social: Teoria, Metodologia e Casos Práticos*. Edições Sílabo: Lisboa.
- Fierro, A. (1983). *Personalidad: sistema de conductas*. México: Trilhas.
- Figueira, S. (1987). O “moderno” e o “arcaico” da nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível do social. In Figueira (org), *Uma nova Família* (pp. 11-30). Jorge Zahar: Rio de Janeiro.
- Fonseca, H. (2008). *Compreender os Adolescentes: um desafio para Pais e Educadores*. Editorial Presença: Lisboa.
- Fonseca, H. (2012). *Compreender os adolescentes- Um Desafio para Pais e Educadores*. 6ª Ed. Editorial Presença, Lisboa.
- Foo, L. & Margolin, G. (1995). A multivariate Investigation of dating aggression. *Journal Family Violence*, 10, 351-377.
- Franzi, J. & Araújo, N. (2018). A adolescência e juventude: implicações do debate conceitual para a reflexão sobre as relações afetivas, amorosas e sexuais entre os jovens. *Notandum*, 46,79-86.
- Furman, W., & Shaffer, L. (2003). The role of romantic relationships in adolescent development. *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior: Theory, Research, and Practical Implications*, 3-22
- Gallantin, J. (1978) *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da Psicologia da adolescência*. Harper & Row do Brasil Ltda: São Paulo.
- Gehring, K. & Vaske, J. (2015). Out in the open the consequences of intimate partner violence for victims on same-sex and opposite-sex relationships. *Journal of interpersonal violence*, 1-24.
- Gelles, R. (1997). *Intimate Violence in Families*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*. 4ª ed. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.

- Gomes, P. (2017). *Violência em relações de namoro de estudantes universitários; comportamentos, atitudes e correlatos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Lisboa.
- Guerra (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Ação – O Planeamento em Ciências Sociais*. Principia, Cascais.
- Hage, S. (2000), The role of counseling psychology in preventing male violence against female intimates. *The Counseling Psychologist*, 6, 797-828.
- Hines, D. & Sandino, K. (2002). Intergeracional transmission of intimate partner violence. A behavioral genetic perspective. *Trauma, violence e Abuse*, 3, 210-225.
- Hydén, M. (1995). Verbal Aggression as a prehistory of woman battering. *Journal of Family Violence*, 10, 55-71.
- IASSW & IFSW (2014). Definição Global Serviço Social, *cit in* APSS (2018). *Código Deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal*.
- Instituto Nacional de Estatística. (2017). *Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias*. Disponível em: de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=42406406&DESTAQUESmodo=2
- Izaguirre, A. & Calvete, E. (2016). Exposure to family violence as a predictor of dating violence and child-to-parent aggression in spanish adolescents. *Youth & Society*, volume 49, 3, pp. 393–412.
- Jackson, S. (1999). Issues in the dating violence research: A review of the literature. *Agression and Violent Behavior*, 4, 233-247.
- Jaffe, P., et al. (1992). An evaluation of a secondary school primary prevention program on violence in relationships. *Violence and victims*, 7, 129-146.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In: *As representações sócias*. EdUERj: Rio de Janeiro.
- Khan, R. (1978). La violence et le développement socio-économique. *Revue Internationale de Sciences Sociales*, 4, 883-908.
- Lakatos, E. & Marconii, A. (2003). *Metodologia científica – ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis*. 5ª ed., Atlas: São Paulo.
- Leitão, M. (2013). Violência nas relações de intimidade. In Unidade de Saúde, *Prevenir a Violência no namoro – n(amor)o im(perfeito) – Fazer diferente para fazer a diferença*. *Série monográfica Educação e Investigação em Saúde*, 5, 23-42:

Coimbra.

- Lisboa, M. (1987). *A sagrada família: a questão de género em famílias católicas*. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.
- Lucas, S., Pinheiro, M & Simões, M. (2013). *Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes (CADRI-P)*. Adaptado do Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory de Wolfe, D., et al. (2001).
- Machado, C., Caridade, S. & Martins, C. (2009) Violence in juvenil datinf relationships self-reported prevalence and attitudes in Portuguese sample. *Journal of family violence*, 25 (1), 43-52.
- Machado, C., Caridade, S. & Martins, C. (2009). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25 (1), 43-52.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Magalhães, T. (2010). *Violência e abuso*. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra
- Maluf, A. (2010). *Novas modalidades de família na pós-modernidade*. Atlas, São Paulo.
- Martinez, V. & Marin, Y. (2009). La Violencia psicológica de género, una forma encubierta de agresión. *Revista cubana de Medicina General Integral*, 25(2), 1-7.
- Martins, M. (2005). Conduta agressiva na adolescência: factores de risco e de protecção. *Análise Psicológica*, 23(2), 129-135.
- Matos, M., Féres-Carneiro, T. & Jablonski, B. (2005). Adolescência e Relações Amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 9(1), 21-33.
- Matos, M., & Machado, C. (1999). Violência conjugal e o modelo de intervenção em crise. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 373-388.
- Matos, M., et al. (2006), Prevenção de violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Pratica*, 8 (1), 55-58.
- Matos, M., et al. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência*. 1ª ed., Coisas de Ler: Lisboa.
- Moffitt, T., & Caspi, A. (2002). Como prevenir a continuidade intergeracional do comportamento anti- -social: Implicações da violência entre companheiros. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família*, 373-396. Almedina: Coimbra.

- Morgado, L., et al. (2014). Ciclo vital da família: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente. *III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento*. Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social.
- Mouzos, J. & Makkai, T. (2004). Women's experiences of male violence in Australia: Findings from Australian component of the international violence against women survey (IVAWS). *Research and public Policy Series*, 56, 1-144.
- Murray, C. & Kardatzke, K. (2007). Dating violence among college students: key issues for colleges counselors. *Journal of college counseling*, 10, 79-89.
- Nascimento, F. e Cordeiro, R. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23 (2), 516-525.
- Negreiros, T. & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, 4(1).
- Nelas, P., et al. (2016). Violência no namoro, adaptabilidade e coesão familiar em estudantes do ensino superior. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. *Revista de Psicologia*, 2, 357-364.
- Njaine, K. (2015). Violência no Namoro. In Fleury-Teixeira, E. e Meneghel, S. (Org). *Dicionário Feminino da Infância: Acolhimento e Diagnóstico de Mulheres em Situação de Violência*, 382-383. Fiocruz, Rio de Janeiro.
- O'Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, 13 (1), 39-57.
- Oliveira R., et al. (2016) Preventing violence by intimate partners in adolescence: an integrative review. *Rev Esc Enferm USP*. 50(1), 134-43.
- Oliveira, M. & Sani, A. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 162-170.
- Oliveira, Q., et al. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19 (3), 702-718.
- OMS (2002a). *Adolescent Friendly Health Services – An Agenda for Change*. OMS: Genebra.
- OMS (2002b). *Relatório Mundial da Violência e Saúde*. OMS: Genebra.
- OMS (2015). *Relatório Mundial sobre a prevenção da violência – 2014*. São Paulo.
- OMS (2021). *Violence against women*. Disponível em: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>
- Osório, L. (1992). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Osório, L. (1996). *Família Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Patias, N., Silva, D. & Dell’Aglío, D. (2016) Exposição de Adolescentes à Violência em Diferentes Contextos: Relações com a Saúde Mental. *Temas em Psicologia*, 24(1), 205-218.
- Pascoal, N. (2010). O namoro no jovem adulto: compromisso e atitudes face à coabitação. Mestrado Integrado em Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Peixoto, V. (2016). *Regulação emocional nas relações íntimas: violência nas relações íntimas em jovens adultos*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Pereira, O., Fernandes, O. & Ruivo, I. (2018). *Violência no Namoro: Táticas de Resolução de conflito, autoestima, inteligência emocional, sintomatologia psicopatológica e atitudes legitimadoras acerca da violência, numa amostra de jovens universitários*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: Vila Real.
- Pestiau, J. (1992). Violence, impuissance et individualisme. *Revue internationale de Sciences Sociales*, 132, 193-208.
- Pinheiro, I. (2016). *Vítimas de Violência no Namoro: dos fatores inerentes aos pedidos de ajuda*. Projeto de Licenciatura em Criminologia. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Pratta, E. & Santos, M. (2007). Família e adolescência: A influência do Contexto Familiar no Desenvolvimento Psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 247-256, Maringá.
- Punch, K. (1998) *Introduction to social Research: quantitative & qualitative approaches*. London: SAGE Publications, cit in Coutinho, C. (2015). *Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 2ª.ed. Almedina, Lisboa.
- Quiorga, F. & Vitalle, M. (2013). O adolescente e as suas representações sociais: Apontamentos sobre a importância do contexto histórico. *Physis Revista de saúde coletiva*, 23 (3), 863-878, Rio de Janeiro.
- Quivy, R. & Campenhoudt. L. (2003). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 2ª. ed. Gravita: Lisboa.

- Reforço, R. (2018). “*Na escola ... - uma estratégia na prevenção na Violência no Namoro*”. Relatório de Estágio do Mestrado em Enfermagem da Universidade de Évora: Évora.
- Reichardt, C. & Cook, T. (1986). *Métodos cualitativos y cuantitativos em investigacion evaluativa*. Ediciones Morata, Madrid.
- Riggs, S., Cusimano, A. & Buson, K. (2011). Childhood emotional abuse and attachment processes in the dyadic adjustment processes of dating couples. *Journal of counseling Psychology*, 58 (1), 126-138.
- Rita, M. (2014). *Importância do Assistente Social em Contexto Social*. Artigo de Opinião disponível em: <https://www.eas.pt/importancia-do-assistente-social-em-contexto-escolar/>
- Roberts, T., Klein, J. & Fisher, S. (2003). Longitudinal effect of intimate partner abuse on high-risk behaviour among adolescents. *Archive Pediatric Adolescent Medicine*, volume 157 (9), 875-881.
- Rodrigo, M., Chaves, M. & Quintana, J. (2010), *Buenas prácticas profesionales para el apoyo de la parentalidade positiva*. Spanish Federation of Municipalities and Provinces: Madrid.
- Saavedra, R. (2010). *Prevenir antes de remediar: prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Tese de Doutoramento em Psicologia da Justiça. Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga.
- Saavedra, R., Machado, C. & Martins, C. (2008). *Escala de atitudes sobre a violência no namoro (EAVN)*. Adaptado do Attitudes Toward Dating Violence Scale de Price, Byers & The Dating Violence Research Team (1999).
- Sampaio, I. & Vieira, M. (2010). A influência do gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. UFC. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 198-207.
- Sánchez, G., Ampudia, A. & Jiménez, F. (2012). Conduta agressiva entre jóvenes de nivel de secundaria. *Avances en psicología clínica*. 776-780.
- Santos, E. (2015). *Intervenção Social na Violência no Namoro: Estratégias de Prevenção*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Lisboa

- Santos, M. (2019). Atitudes e Comportamentos perante o adolescente. Relatório de Estágio do Mestrado em Enfermagem da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal: Setúbal.
- Scachetti, R., Oliveira-Monteiro, N. & Taddei, Renzo. (2019). Relações Amorosas na Adolescência: Desenvolvimento Humano e Novos Desafios Tecnológicos. *Leopoldianum*, 125.
- Scavone, L. (2001). Maternidade, transformações na família e nas relações de género. *Comunicações, Saúde, Educação*, 5(8), 47-59.
- Schenker, M. & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores e risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (3), 707-717.
- Sharpe, D. & Taylor, J. (1999). Na examination of variables from a social – developmental model do explain physical and psychological dating violence. *Journal of Behavioral Science*, 31, 165-175.
- Sharps, P., & Campbell, J. (1999). Health consequences for victims of violence in intimate relationships. In X. B. Arriaga, & S. Oskamp (Eds.), *Violence in intimate relationships* (pp. 163-176). Thousand Oaks: The Claremont Symposium on Applied Social Psychology.
- Shorey, R., et al. (2014). Experiential avoidance and male dating violence perpetuation: Na initial investigation. *Journal of Contextual Behavior Science*, 3, 117-123.
- Shorif, M. & Sherif, C. (1965). *Problems of youth: transition to adulthood in a changing world*. Aldine Publishing Co.: Chicago.
- Silva, A. (2018). *Violência no Namoro*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Silva, P., Viana, M. & Carneiro, S. (2011). O desenvolvimento da adolescência na Teoria de Piaget. *O portal dos Psicólogos*, Psicologia.pt.
- Silvia, I., et al. (2015). Considerações sobre Agressividade Infantil. Olhares & Trilhas Escola de Educação Básica (Eseba) / Universidade Federal de Uberlândia (UFU). *Revista de Educação e Ensino*. 7(21), 66- 82.
- Simionato-Tozo, S. & Biasoli-Alves, Z. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Cadernos de Psicologia e Educação*, 8 (14/15), 137-150.
- Simões, C. (2010). *Adolescentes e Comportamentos de Saúde*. Instituto Politécnico de Lisboa: Lisboa.
- Spiegel, L. (1961). Identity and adolescence. In Lorand y Schneer (Coords.), *Adolescence*. Paul

Hoeber: Nova Iorque.

- Stonard, K., et al. (2014). The relevance of technology to the nature, prevalence, and impact of adolescence dating violence and abuse: research synthesis. *Aggression and Violence Behavior*, 19, 390-417.
- Straus, M. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10 (7), 790-811.
- Straus, M. (2016). Gender-violence, dyadic-violence and dyadic concordance types: A conceptual and methodological alternative to Hamby that incorporates both the gendered and dyadic interaction aspects of violence to enhance research and safety of women. *Psychology of violence*, 6(2), 336-346.
- Sugarman, D. & Hotaling, G. (1989). Dating Violence: Prevalence, Context and risk markers. In Pirog – Good e J. Stets (Eds), *Violence in dating relationships. Emerging social issues*. Praeger Published: New York.
- Tallón, M., et al. (1999). Valuation del clima familiar en una muestra de adolescentes. *Revista de Psicologia Geral y Aplicada*, 451-462.
- Tiba, I. (2005). *Adolescente: quem ama, educa!* Integrare, São Paulo.
- UMAR (2017). *Violência no Namoro – Resultados Nacionais apontam a gravidade do problema*.
- UMAR (2021). *Estudo Nacional sobre Violência no Namoro 2020*.
- Ventura, M. (2014). *Violência no namoro: crenças e autoconceito nas relações sociais de género – Modelo de intervenção em Enfermagem*. Tese de Doutoramento em Ciências de Enfermagem do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto: Porto.
- Ventura, M., Frederico-Ferreira, M. & Magalhães, M. (2013). Violência nas relações de intimidade: Crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 3 (11), 95-111.
- Verdugo, M. (2016). *Sexismo, Amor Romântico y violencia de género en la adolescência*. Tesis doctoral, Facultad de Psicología da Universidad Complutense de Madrid. Madrid, Espanha.
- Vicent, L. (2005). *Por que nos apaixonamos: Como a ciência explica os mistérios do amor*. (H. S. Lancastre, trad.). Ediouro: São Paulo.
- Vitiello, M. & Loureiro Júnior, G. (1986). Aspectos Sócio-políticos da sexualidade na adolescência. *Sexologia II*, 55-57, Roca: São Paulo.

Winstok, Z. (2016). A new definition of partner violence, aggression and violent Behavior. *Science Direct*, 28, 95-102.

Zagury, T. (2004). *Os direitos dos pais. Construindo cidadãos em tempos de crise*. 11ª ed. Ed. Record, Rio de Janeiro

Zanetti, S. & Gomes, I. (2011). A “fragilização das funções parentais” na família contemporânea: Determinantes e consequências. *Temas em Psicologia*, 19(2), 491–502. USP – São Paulo, Brasil.

Zappe, J. & Dias, A. (2012). Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 389-395.

Apêndices

Apêndice 1 - Questionário

Questionário

“A violência no Namoro: Legitimação da Violência nas Relações Amorosas entre Adolescentes”

A violência no namoro entre casais de adolescentes tem-se mostrado cada vez mais frequente. O modo como a vêm, legitimam e naturalizam tem sido alvos de vários estudos.

Nesse sentido, eu, Inês Oliveira, aluna e finalista do Mestrado de Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, pretendo entender, através das tuas respostas e dos restantes participantes (todos os alunos dos 10º, 11º e 12º anos da ESJR), se existe naturalização e legitimação da violência nas vossas relações amorosas, quais os tipos de violência mais usuais, conhecer a percentagem de alunos que praticam ou sofrem de algum tipo de violência e perceber como são as vossas relações e ambientes familiares. Assim será possível, também através da vossa opinião, formalizar ferramentas que auxiliem na minimização e prevenção da violência.

O questionário que encontrarás de seguida é baseado no Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes (CADRI) adaptada para português por Lucas, S., Pinheiro, M., & Simões, M. (2013) e na Escala de atitudes acerca da violência no namoro (EAVN) adaptada por Saavedra, Machado, Martins e Vieira (2008).

Seguidamente vão estar descritas as instruções de preenchimento do questionário. Peço-te que sejas sincero em todas as respostas que deres, de modo que o estudo seja o mais realista possível.

Se por algum motivo achares que não consegues ou não te sentes à vontade para responderes ao questionário, poderás finalizar de imediato.

Muito Obrigada pela tua ajuda.

Parte I

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações que servirão para te enquadrar no questionário e para te ficar a conhecer no teu meio e nas tuas relações. Pede-se que leias atentamente essas frases e assinales com um X na opção que melhor traduz a tua opinião em relação a cada uma das questões. Não existem respostas certas ou erradas, apenas a tua opinião. Por isso, por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Idade: ____ anos Sexo: M ____ F ____

Ano de escolaridade: _____

Profissão do pai: _____

Profissão da mãe: _____

Das seguintes opções assinala com um X a correta:

1. Nunca tive namorado:___

Tive namorado, mas agora não tenho:___

Tenho namorado:___

(Se assinalaste com X a primeira opção não respondas mais às perguntas seguintes)

2. Com que idade começaste a namorar? _____ anos.

3. Há quanto tempo dura o teu namoro? ____ dias ____ meses ____ anos

4. Alguma vez sentiste que não tens controlo na relação? Sim ____ Não ____

5. O/a teu/tua namorado/a faz-te sentir seguro/a? Sim ____ Não ____

6. O/a teu/tua namorado/a tem ciúmes de ti? Sim ____ Não ____

7. Tens ciúmes do/a teu/tua namorado/a? Sim ____ Não ____

8. Discutem muitas vezes? Sim ____ Não ____

9. Gostas de sair com o/a teu/tua namorado/a e os amigos/as dele/a? Sim ____ Não ____

10. Sais com as/os tuas/teus amigas/os sem o/a teu/tua namorado/a te acompanhar? Sim ____
Não ____

11. O/a teu/tua namorado/a gosta dos teus pais? Sim ____ Não ____

12. Os teus pais gostam do/a teu/tua namorado/a? Sim ____ Não ____

13. Os teus pais têm uma boa relação? Sim ____ Não ____

14. Como é o teu ambiente em casa? Calmo ____ Às vezes há discussões ____ Há muitas discussões ____

15. Alguma vez, que te lembres, existiram situações de Violência na tua família? Sim ____ Não ____

15.1. Se sim, com que frequência? Raramente ____ Frequentemente ____ Todos os dias ____

Parte II

As perguntas que se seguem questionam-te acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e com o teu namorado ou namorada durante uma discussão. Assinala o quadrado que melhor identifica a situação entre ti e o teu /tua atual ou ex-namorado(a), no último ano. Como guia de resposta, utiliza a seguinte escala:

Nunca: isto nunca aconteceu no teu relacionamento
Raramente: isto aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento
Às vezes: isto aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento
Frequentemente: isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento

Por favor, lembra-te que todas as respostas são confidenciais.

Durante uma discussão ou um conflito com o meu(minha) namorado(a):	N U N C A	R A R A R A M E N T E	A S V E Z E S	F R E Q U E N T E M E N T E
1. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).				
1.1. Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.				
2. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.				
2.1. Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.				
3. Eu agredi-o(a) fisicamente.				
3.1. Ele(a) agrediu-me fisicamente				
4. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau.				
4.1 Ele(a) falou comigo com um tom de voz agressivo e mau.				
5. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.				
5.1 Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes				
6. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.				
6.1 Ele(a) beijou-me quando eu não queria.				
7. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).				
7.1 Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.				
8. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.				
8.1 Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.				

9. Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.				
9.1. Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas.				
10. Eu ameacei terminar o namoro porque não me deixou ver o seu telemóvel.				
10.1. Ele(a) ameaçou terminar o namoro porque eu não o(a) deixei ver o meu telemóvel.				
11. Eu espalhei boatos contra ele(a).				
11.1. Ele(a) espalhou boatos contra mim.				

Parte III

Mais uma vez irás encontrar e seguida um conjunto de afirmações relacionadas com as situações de violência no namoro, por isso, tal como anteriormente peço-te que leias com atenção e assinales com um X a resposta que mais se adequa a ti e à tua opinião e segundo a escala **Discordo Totalmente, Discordo, Não concordo nem discordo, Concordo ou Concordo totalmente**

Apelo mais uma vez à tua sinceridade para responderes.

Como referido anteriormente as respostas são absolutamente confidenciais e em momento algum será relevada ao questionada a tua identidade.

	D I S C O R D O T O T A L M E N T E	D I S C O R D O	N Ã O C O N C O R D O	N E M D I S C O R D O	C O N C O R D O	C O N C O R D O T O T A L M E N T E
1. Um/a rapaz / rapariga não deve insultar o/a namorado/a						
2. Um/a rapaz/ rapariga não deve dizer à namorado/a o que fazer.						
3. Um/a rapariga/rapaz deve pedir autorização ao/a namorado para sair com os amigos.						
4. Um/a rapariga/rapaz deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado/a.						
5. Um/a rapaz/rapariga não precisa de saber tudo o que a/o namorada/o faz.						
6. É normal um/a rapaz/rapariga gritar com a/o namorada/o quando está furioso/a.						
7. Um/a rapariga/rapaz não deve estar com os/as amigos/as se isso aborrecer o/a namorado/a.						
8. O rapaz é obrigado a mostrar à namorada as suas redes sociais e as suas conversas privadas.						
9. Tanto ele como ela têm o direito de mexer no telemóvel do outro sem autorização.						
10. A/o rapariga/rapaz é obrigada/o a facultar a palavra pass das suas redes sociais ao/á namorado/a.						

11. Um/a rapariga/rapaz deve acabar o namoro se o/a namorado/a lhe bater.					
12. Por vezes o ciúme põe o/a rapaz/rapariga tão louco que ele bate na/no namorada/do.					
13. As/os raparigas/rapazes que traem os/as namorados/as merecem ser espancadas/os.					
14. Um/a rapaz/rapariga pode bater no/a namorado/a se ela merecer.					
15. Os/as rapazes/raparigas não são donos/as do corpo das/os namoradas/os.					
16. Quando os/as rapazes/raparigas ficam muito excitados/as sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.					
17. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.					
18. Um/a rapaz/rapariga pode forçar a/o namorada/o a beijá-lo/a.					
19. Para provar o seu amor um/a rapaz/rapariga deve ter relações sexuais com o/a namorado/a.					
20. Um/a rapaz/ rapariga que entra no quarto do/a namorado/a está a concordar ter relações sexuais com ele/a.					
21. Mesmo se um/a rapaz/rapariga tiver dito “sim” sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.					

PARTE IV

Para finalizar o questionário e como forma de poder, junto dos profissionais da tua escola, minimizar e combater a Violência no Namoro, gostaria que me disseses, segundo a tua opinião como achas que esta podia ser minimizada e de que forma os profissionais, tu e os teus colegas o poderiam fazer.

Mais uma vez
Obrigada pela tua participação



Apêndice 2 – Consentimento Informado

Consentimento Informado

Setembro/outubro de 2020

Exmo(a). Senhor(a) Encarregado(a) de Educação,

Eu, Inês Dias Oliveira, aluna e finalista do Mestrado de Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, encontro-me a realizar a dissertação intitulada *Violência no Namoro: Legitimação da Violência nas Relações Amorosas entre Adolescentes*, sob a orientação da Professora Doutora Paula Ferreira, venho por este meio solicitar a sua colaboração para concretizar a investigação em curso.

O objetivo do estudo é perceber até que ponto existe naturalização e banalização de comportamentos violentos por parte dos jovens nas suas relações amorosas, junto dos alunos do ensino secundário da Escola Secundária Jácome Ratton, entre os 14 e 19 anos. Para além deste objetivo, a investigação procura também responder aos objetivos específicos seguintes: conhecer os conflitos nas relações de namoro; conhecer as atitudes de legitimação da violência de namoro nos jovens; perceber qual é a percentagem de alunos que já sofreram violência nas suas relações de intimidade; perceber qual a relação entre os comportamentos violentos e a sua vida familiar e social; perceber qual a sua perceção sobre a violência no namoro e de que forma se poderá minimizar a mesma.

Para tal, é necessário aplicar um questionário que será baseado no questionário *EAVN – Escala de Atitudes Acerca da Violência no Namoro*, e no *CADRI - Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes* a fim de avaliar a dimensão mencionada.

A recolha de dados será realizada por mim nas instalações da Escola Secundária Jácome Ratton, com data e hora a definir consoante a disponibilidade os Diretores de Turma de cada turma.

Esta atividade não envolve nenhum risco psicológico para qualquer participante. Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais, servindo apenas para os objetivos da investigação, estando assegurado que não serão referidas e/ou utilizadas quaisquer informações que possam identificar os participantes.

Reforço que o seu educando é livre de participar, bem como de desistir a qualquer momento.

Caso concorde com a participação do seu educando, por favor, preencha e assine a folha em baixo, cortando pelo picotado de modo a que possa ser entregue pelo seu educando no momento da aplicação do questionário. Em momento algum a sua identidade será revelada.

Para esclarecimentos adicionais, apresento total disponibilidade para tal através do e-mail idades.oliveira@hotmail.com ou do contacto telefónico 919513773.

Atenciosamente,

A Mestranda

Inês Oliveira

Eu, _____, Encarregado de Educação do aluno _____, do ano e turma _____, autorizo a participação do meu Educando no referido estudo.

(Assinatura do encarregado de Educação)

Apêndice 3 – Tabela cruzada entre o sexo e a idade de início de relação

Crosstab

Contagem

		Com que idade começaste a namorar?				Total	
		N/r	Até aos 10 anos	Dos 11 aos 13 anos	Dos 14 aos 16 anos		17 anos ou mais
Sexo	Masculino	4	7	28	22	2	63
	Feminino	3	0	17	27	2	49
Total		7	7	45	49	4	112

Apêndice 5 - Correlações entre o sexo e a idade e as atitudes face à violência (112 alunos)

Correlações		Idade	Sexo
Um/a rapaz/rapariga não deve dizer à namorado/a o que fazer.	Coeficiente de Correlação	-,193*	
	Sig. (2 extremidades)	,020	
	N	146	
Um/a rapaz/rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado/a.	Coeficiente de Correlação	,220**	
	Sig. (2 extremidades)	,008	
	N	146	
Um/a rapariga/rapaz não deve estar com os/as amigos/as se isso aborrecer o/a namorado/A.	Coeficiente de Correlação	,225**	
	Sig. (2 extremidades)	,006	
	N	146	
O rapaz é obrigado a mostrar à namorada as suas redes sociais e as suas conversas privadas.	Coeficiente de Correlação		-,195*
	Sig. (2 extremidades)		,018
	N		146
Tanto ele como ela têm o direito de mexer no telemóvel do outro sem autorização.	Coeficiente de Correlação		-,250**
	Sig. (2 extremidades)		,002
	N		146
A/o rapariga/rapaz é obrigado/a a facultar a palavrappass das suas redes sociais ao/à namorado/a.	Coeficiente de Correlação		-,270**
	Sig. (2 extremidades)		,001
	N		146
As/os raparigas/rapazes que traem os/as namorados/as merecem ser espancadas/os.	Coeficiente de Correlação		-,199*
	Sig. (2 extremidades)		,016
	N		146
Um/a rapaz/rapariga pode bater no/a namorado/a se ela merecer.	Coeficiente de Correlação		-,201*
	Sig. (2 extremidades)		,015
	N		146
Os/as raparigas/rapazes não são donos/as do corpo das/os namorados/as.	Coeficiente de Correlação		,204*
	Sig. (2 extremidades)		,014
	N		146
Quando os/as rapazes/raparigas ficam muito excitados/as sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	Coeficiente de Correlação		-,207*
	Sig. (2 extremidades)		,012
	N		146
Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	Coeficiente de Correlação		,226**
	Sig. (2 extremidades)		,006
	N		146
Para provar o seu amor um/a rapaz/rapariga deve ter relações sexuais com o/ namorado/a.	Coeficiente de Correlação		-,348**
	Sig. (2 extremidades)		,000
	N		146
Um rapaz/rapariga que entra no quarto do/a namorado/a está a concordar ter relações sexuais com ele/a.	Coeficiente de Correlação		-,296**
	Sig. (2 extremidades)		,000
	N		146
Mesmo se um/a rapaz/rapariga tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	Coeficiente de Correlação		,304**
	Sig. (2 extremidades)		,000
	N		146

Apêndice 6 - Correlação entre práticas de violência e o ambiente familiar (112 alunos)

		Alguma vez, que te lembres, existiram situações de violência na tua família?	Se sim, com que frequência?
Durante uma discussão ou um conflito com o meu/minha namorado/a eu falei com ele/a num tom de voz agressivo e mau.	Coeficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N		-,188* ,047 112
Durante uma discussão ou um conflito com o meu/minha namorado/a eu insultei-o/a com coisas humilhantes.	Coeficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	-,228* ,016 112	-,245** ,009 112
Durante uma discussão ou um conflito com o meu/minha namorado/a eu ameacei terminar o namoro porque não me deixou ver o telemóvel.	Coeficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	-,199* ,036 112	-,212* ,025 112
Durante uma discussão ou um conflito com o meu/minha namorado/a eu espalhei boatos contra ele/a.	Coeficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	-,199* ,036 112	-,212* ,025 112

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Apêndice 7 - Correlação entre o ambiente familiar e as atitudes face à violência

		Os teus pais têm uma boa relação?	Alguma vez, que te lembres, existiram situações de violência na tua família?	Se sim, com que frequência?
A/o rapariga/rapaz é obrigado/a a facultar a palavrapass das suas redes sociais ao/à namorado/a.	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N		,181* ,029 146	,179* ,030 146
As/os raparigas/rapazes que traem os/as namorados/as merecem ser espancadas/os.	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	,193* ,020 146		,163* ,050 146
Um/a rapaz/rapariga pode bater no/a namorado/a se ela merecer.	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N	,210* ,011 146	,200* ,016 146	,197* ,017 146
Mesmo se um/a rapaz/rapariga tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	Coefficiente de Correlação Sig. (2 extremidades) N		-,171* ,039 146	-,173* ,037 146

(146 alunos)

Apêndice 8 – Diferença de médias entre sexos face às atitudes

Sexo		Um/a rapaz/raparigas não deve insultar o/a namorado/a.	Um/a rapaz/rapariga não deve dizer a namorado/a o que fazer.	Um/a rapaz/rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	Um/a rapaz/rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado/a.	Um rapaz/rapariga não precisa de saber tudo o que o/a namorado/a faz.	É normal um/a rapaz/rapariga gritar com o outro quando está furioso/a.	Um/a rapariga/rapaz não deve estar com os/as amigos/as se isso aborrecer o/a namorado/a.	O rapaz é obrigado a mostrar a namorada as suas redes sociais e as suas conversas privadas.	Tanto ele como ela têm o direito de mexer no telemóvel do outro sem autorização.	A/o rapariga/rapaz é obrigado/a a facultar a palavra das suas redes sociais ao/a namorado/a.	Um/a rapaz/rapariga deve acabar o namoro se o/a namorado/a lhe bater.	Por vezes o ciúme põe o/a rapaz/rapariga tão louco que ele/a bate na/no namorado/a.	As/os raparigas/rapazes que traem os/as namorados/as merecem ser espancadas/os.	Um/a rapaz/rapariga pode bater no/a namorado/a se ela merecer.	Os/as raparigas/rapazes não são donos/as do corpo das/os namorados/as.	Quando os/as rapazes/raparigas ficam muito excitados/as sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	Um/a rapaz/rapariga pode forçar a/o namorado a beijá-lo/a.	Para provar o seu amor um/a rapaz/rapariga deve ter relações sexuais com o/namorado/a.	Um rapaz/rapariga entra no quarto do/a namorado/a está a concordar ter relações sexuais com ele/a.	Mesmo se um/a rapaz/rapariga tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.
Masculino	Média	4,28	4,13	1,60	1,51	3,60	2,18	1,73	1,43	1,89	1,41	4,55	2,08	1,83	1,28	3,95	2,35	4,30	1,50	1,63	1,73	4,40
	N	80	80	80	80	80	80	80	79	80	78	80	78	80	80	80	79	79	80	80	80	80
	Erro Desvio	1,331	1,277	1,086	0,779	1,143	1,077	0,927	0,728	1,043	0,763	0,745	1,356	1,145	0,795	1,483	1,026	1,054	0,746	0,877	0,927	0,989
Feminino	Média	4,68	4,41	1,41	1,35	3,71	2,06	1,58	1,17	1,41	1,09	4,73	1,75	1,38	1,06	4,48	1,92	4,71	1,34	1,17	1,26	4,83
	N	66	66	66	66	66	66	66	66	66	66	66	65	66	66	66	64	66	65	66	66	66
	Erro Desvio	0,727	0,911	1,007	0,774	1,147	0,943	0,805	0,414	0,822	0,290	0,449	1,250	0,674	0,387	1,126	1,117	0,718	0,776	0,514	0,535	0,571
Total	Média	4,46	4,25	1,51	1,44	3,65	2,12	1,66	1,31	1,67	1,26	4,63	1,93	1,62	1,18	4,19	2,16	4,49	1,43	1,42	1,51	4,60
	N	146	146	146	146	146	146	146	145	146	144	146	143	146	146	146	143	145	145	146	146	146
	Erro Desvio	1,115	1,131	1,052	0,779	1,142	1,016	0,874	0,618	0,976	0,614	0,633	1,314	0,984	0,651	1,356	1,085	0,936	0,761	0,768	0,807	0,852

Apêndice 9 – Matriz de análise da Resposta Aberta

Categorias	Nº dos Questionários	Nº total
1. Apoio especializado às vítimas (através de redes de suporte formal e informal)	69; 84; 4; 7; 39; 40; 43; 57; 68; 77; 87; 88; 89; 91; 95; 99; 101; 126; 136; 138.	20
2. Realizar exposições sobre o tema, apostando assim na educação dos jovens	7; 10; 17; 22; 23; 26; 27; 31; 34; 39; 41; 42; 43; 45; 46; 47; 49; 50; 51; 58; 67; 78; 79; 85; 98; 99; 101; 102; 109; 111; 134; 137; 139; 141; 145; 146; 148; 104; 107; 120; 122; 123; 135; 2	44
3. Intervir: Sinalizar e denunciar as situações de violência	9; 136; 1; 5; 8; 19; 24; 40; 53; 55; 81; 82; 85; 94; 95; 104; 107; 109; 120; 122; 123; 125; 127; 128; 132; 133; 64	27
4. Promover a partilha de informação entre todos os membros da comunidade escolar (alunos, professores, auxiliares, etc)	1; 2; 5; 6; 13; 21; 46; 48; 52; 66; 77; 81; 83; 90; 93; 119; 130; 131	18
5. Promover relacionamentos saudáveis (assentes na confiança e respeito)	3; 4; 6; 13; 21; 46; 48; 52; 66; 77; 81; 83; 90; 93; 119; 130; 131	17
6. Apostar na punição do agressor	12; 129; 19	3
7. Apostar na educação familiar	56; 23; 12	3
<u>Total respostas</u>		129